

Já são 27 milhões e 600 mil no desespero

Em 1 ano, mais 1,3

milhão de pessoas

ficam sem trabalho

Mandy Rovere



HORA DO POVO
ANO XXVIII - Nº 3.660 22 e 23 de Agosto de 2018

1 REAL BRASIL
Nas bancas toda quarta e sexta-feira

Crise é tão grave que 4,8 milhões desistiram de procurar emprego

De acordo com o IBGE, o número de pessoas sem emprego cresceu 1,3 milhão no segundo trimestre de 2018, na comparação com o mesmo período do ano passado. A pesquisa mostrou que, no total, falta trabalho para 27,6 milhões de pessoas. Os dados consideram a população que se enquadra na chamada “taxa de subutilização do trabalho”: pessoas sem emprego e que procuraram trabalho nos últimos 30 dias; que trabalham por conta própria (fazem bico); que são subempregadas; ou que desistiram de procurar emprego. **Página 2**

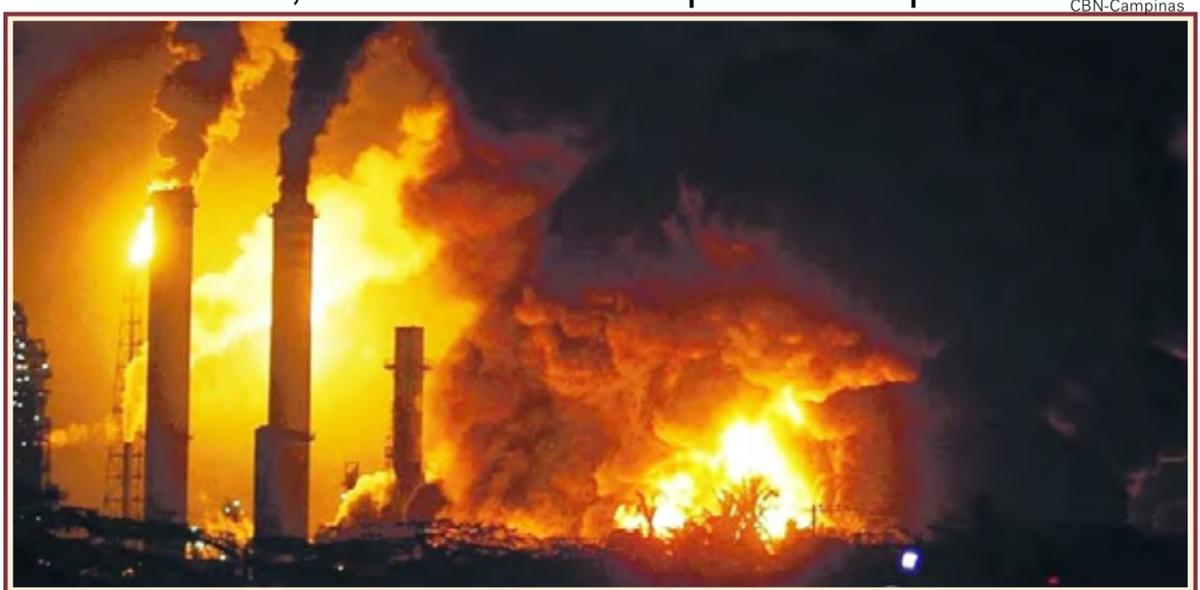
Para João Goulart Filho, “reformular a Previdência só se for para melhorar aposentadorias”

“Nós sabemos da importância da Previdência Social para a economia do país. Restringir os ganhos dos aposentados, como defendem os demais candidatos, além de injusto, é um contrassenso porque agrava a contração do mercado interno”, afirmou João Goulart Filho, candidato do PPL a presidente. “São 34 milhões de aposentados que estão perdendo poder aquisitivo. Com isso o mercado interno fica ainda mais achatado e a crise se agrava”, destacou Jango. “Em meu governo, reforma da Previdência, só se for para melhorar as aposentadorias”, disse. **Página 3**

‘Não por estar preso, mas por ser condenado que Lula é inelegível’

Para procurador Maurício Gerum, assessores da ONU partiram de premissa errada CBN-Campinas

A nota de um grupo de assessores da ONU a favor de Lula tem, disse um ministro do STF, a mesma força que “uma ata de condomínio”. Porém, os berros de que a nota dos assessores da ONU são “obrigatórias” para o Brasil, mesmo contra a lei brasileira, mostram o que o PT realmente é: um magote de colonizados que acha legítimo até mesmo a intervenção de uma força externa para que Lula volte a roubar – e a deixar roubar. Dentro em breve o PT estará pedindo que tropas da ONU desembarquem no Brasil para que Lula – contra a lei e contra a Justiça – seja candidato. **P 3**



Desinvestimento cobra seu preço: explosão na maior refinaria do país

O Sindipetro-SP está investigando se os dois recentes Programas de Desligamento Voluntário (PDV's) na Petrobrás, que resultaram em 20 mil funcionários a menos, teve impacto na segurança e manutenção e, portanto, relação com a explosão na refinaria de Paulínea, ocorrida na madrugada de segunda-feira. **Página 5**



Bolsonaro defende que mulher receba salários menores e Marina Silva rebate

Marina afirmou no debate que “só uma pessoa que não sabe o que significa uma mulher ganhar um salário menor do que um homem e ter as mesmas capacidades, a mesma competência e ser a primeira a ser demitida” tem tal posição. **P 4**

Skaf esquece de Temer, Odebrecht e diz que nunca “teve padrinhos”

“Eu nunca tive padrinhos. Outras histórias não fazem parte da minha”, disse Skaf em debate na TV. Essas “outras histórias” – a começar pela de Temer e seu círculo de corruptos – fazem parte da sua, sim. No dia 28 de maio de 2014, Michel Temer acertou com Marcelo Odebrecht o repasse, para Skaf, de parte de uma propina de R\$ 10 milhões. **Pág. 3**



Band: Candidatos poupam Alckmin sobre a propina Tucana na Dersa

A Operação Pedra no Caminho”, da PF, que indiciou dois assessores do ex-governador Alckmin por desvios que chegam a R\$ 600 milhões em obras do trecho norte do Rodoanel, ficou fora do insofrito debate entre alguns candidatos a presidente promovido pela Rede TV, na sexta-feira. **Pág. 3**

RS e SP: Estudantes vão às ruas contra ‘deforma do ensino’

15 mil estudantes em Porto Alegre e outros milhares em São Paulo exigiram a revogação da MP que retira diversas matérias do currículo. **Pág. 4**

Governo deixou escalada de violência em Roraima

Beneficiários do PIS usarão dinheiro para pagar dívidas

Segundo dados do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil), 45% trabalhadores beneficiados pelo fundo PIS/PASEP, devem usar o benefício para pagar dívidas em atraso. A pesquisa foi realizada pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo SPC, em 12 capitais das cinco regiões brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Recife, Salvador, Fortaleza, Brasília, Goiânia, Manaus e Belém).

Os recursos do fundo PIS/PASEP começaram a ser liberados para trabalhadores de todas as idades, na terça passada (14). Conforme a pesquisa, o percentual sobe para 57% considerando a camada de consumidores com menor renda (classes C, D e E). O SPC aponta ainda que 30% dos entrevistados devem pagar despesas do dia a dia com o saldo disponível e 15% que anteciparão o pagamento de contas não atrasadas, "como prestações da casa, do carro ou crediário".

Outra sondagem, realizada pelo SPS e CNDL no mês de julho, demonstra que 84% dos consumidores disseram que o quadro econômico atual se mantém ruim ou muito ruim. O dado é mais uma demonstração de que a recuperação econômica de Temer só existe para os defensores do "ajuste fiscal", que vem aprofundando a crise no país desde 2014. Além dos que consideram o quadro econômico ruim, 13% acham que é regular e apenas 2% acreditam que esteja bom.

Dos 84% que acham que a situação econômica do país está ruim ou muito ruim, 73% atribuem como principal razão o desemprego no país, 59% têm a percepção de que os preços vêm aumentando, 39% dizem que as taxas de juros seguem em alta. Para a economista-chefe do SPC Brasil, Marcela Kawauti, "o achatamento da renda e o desemprego mostra que, no dia a dia do consumidor, pouca coisa evoluiu com relação ao período mais agudo da crise. A recuperação da confiança requer uma retomada mais vigorosa da economia, que aqueça o mercado de trabalho, mas isso não deve ser visto no horizonte dos próximos meses", analisou a economista.

IBGE: população sem trabalho cresce e atinge 27,6 milhões



Milhares em fila no centro da capital paulista buscam por emprego

“A PNAD Contínua revelou também um recorde no crescimento do número de desalentados no segundo trimestre do ano. Já são 4,8 milhões de pessoas nessa condição – 203 mil a mais em relação ao primeiro trimestre”



Procuradoria entrou com ação contra prorrogação de concessões

Raquel Dodge: empresa privada deixou de investir R\$ 1 bilhão em malha ferroviária

A procuradora-geral da República, Raquel Dodge, ingressou no último dia 13 com ação direta de inconstitucionalidade contra a Lei 13.334/2016, que "estabelece" a prorrogação antecipada de contratos de concessão ferroviária. Segundo a Procuradoria-Geral da República (PGR), "a lei contém dispositivos que contrariam os princípios constitucionais da eficiência, da impessoalidade, da moralidade e da razoabilidade, além de violar a regra da licitação e comprometer a qualidade dos serviços oferecidos à sociedade". Para a PGR, a "lei" não assegura a prestação de serviço adequado pelas concessionárias, com prejuízo ao interesse público e aos usuários do transporte ferroviário. "Os requisitos objetivos para a prorrogação antecipada favorecem concessionárias que não lograram, nos últimos anos,

executar corretamente e com eficiência o contrato de concessão".

A Câmara de Consumidor e Ordem Econômica do Ministério Público Federal já havia alertado a Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT) sobre a necessidade de avaliar, nos processos de prorrogação antecipada, a vantagem econômica da medida frente à realização de nova licitação.

A ação de inconstitucionalidade proposta pela procuradora Raquel Dodge pretende assegurar o interesse público. "A edição de ato que beneficia o interesse particular na prorrogação de contrato, em detrimento do interesse público na prestação de serviço eficiente e adequado, ofende os princípios da impessoalidade e, paralelamente, da moralidade".

Um dos pontos destacados pela ministra Raquel Dodge como potencial-

mente lesivo à qualidade do transporte ferroviário nacional é "a redução que a nova lei fez do conceito de 'serviço adequado', requisito que será avaliado pelo governo nos pedidos de prorrogação antecipada".

Entre as concessionárias que pleiteiam a prorrogação de contrato estão a Rumo Malha Paulista, Estrada de Ferro Carajás, Estrada de Ferro Vitória a Minas, Ferrovia Centro-Atlântica e a MRS Logística.

Raquel Dodge denuncia em sua petição que as concessionárias – empresas privadas – não cumpriram os investimentos estabelecidos nos contratos de concessão. E citou como exemplo o relatório da ANTT sobre a Rumo Malha Paulista, que registra a falta de quase R\$ 1 bilhão em obras e serviços. A agência reguladora já abriu 147 processos administrativos contra a concessionária.

Em um ano, mais 1,3 milhão de pessoas se enquadraram no "trabalho subutilizado"

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apresentou na semana passada os dados mais recentes da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), mostrando que no segundo trimestre faltava trabalho no país para 27,6 milhões de pessoas.

Enquanto o governo insiste que a recessão é coisa superada e alguns candidatos no atual pleito eleitoral atribuem a seus feitos uma suposta "recuperação" econômica, o assustador número de pessoas na fila pelo emprego cresceu 1,3 milhão no segundo trimestre de 2018 na comparação com o mesmo período do ano passado.

A pesquisa considera a população que se enquadra na chamada "taxa de subutilização do trabalho", ou seja, pessoas sem emprego e que procuraram trabalho nos últimos 30 dias; que trabalham por conta própria e gostariam de ter um emprego formal; que são subempregadas; ou que desistiram de procurar emprego (desalentados).

A parcela da população que faz parte da força de trabalho potencial nessa situação já é de 24,7% - no mesmo segundo trimestre de 2017, a taxa estava em 23,8%.

A pesquisa observou que 3,16 milhões de brasileiros procuram emprego há mais de 2 anos - o maior número da série histórica da pesquisa iniciada em 2012. Esse número corresponde a cerca de 24% do total de desempregados, que no trimestre encerrado em junho ficou em 13 milhões. Desde o começo da crise, em 2014, esse contingente cresceu 162%.

SOBE NÚMERO DE DESALENTADOS

A PNAD Contínua revelou também um recorde no crescimento do número de desalentados no segundo trimestre do ano. Já são 4,8 milhões de pessoas nessa condição - 203 mil a mais em relação ao primeiro trimestre.

A população desalentada é aquela que, por diversos motivos, desistiu de procurar emprego. De acordo com os critérios da pesquisa do IBGE, o desalentado está fora da força de trabalho porque não tem experiência ou qualificação ou é considerado jovem ou idoso demais ou ainda porque não há trabalho próximo

Ministro Luís Barroso pode decidir nos próximos dias sobre impugnação de Lula

O ministro Luís Roberto Barroso, vice-presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), recebeu as quatro contestações à candidatura Luiz Inácio Lula da Silva (PT) a presidente que estavam sob responsabilidade do ministro Admar Gonzaga, do TSE.

Luís Barroso é relator dos pedidos de impugnação da candidatura Lula e vai concentrar todas as ações desse tema. A atribuição do ministro foi confirmada na quinta-feira (16) pela presidente do TSE, Rosa Weber. Ao todo, são sete contestações à candidatura do petista. Pelo menos por enquanto, pois o prazo

ao local que reside. Todos os enquadrados nesses critérios assumiram uma vaga, apesar de já terem perdido a esperança de procurar.

"Muitas dessas pessoas desalentadas sequer têm dinheiro para pagar passagem e procurar emprego", avalia o gerente da pesquisa do IBGE Cimar Azeredo.

Segundo Azeredo, o tempo de espera pela recolocação no mercado de trabalho tem relação direta com o desalento. "A probabilidade de uma pessoa desistir de procurar emprego está muito relacionada ao tempo em que ela está na fila do desemprego", disse.

Em relação à população fora da força de trabalho, a taxa de desalentados no segundo trimestre ficou em 4,4% - a maior da série histórica. Alagoas e Maranhão registraram as maiores, com desalento em 16,6% e 16,2%, respectivamente. O maior índice geral de desalento foi verificado entre mulheres nordestinas.

CARTEIRA ASSINADA RECUA

A medida que o desemprego cresce, é natural que as pessoas procurem meios alternativos de subsistência. Isso se expressa no aumento do número de camelôs nas ruas e de pessoas que passam a viver de biscates e bicos, que na pesquisa do IBGE está refletido no aumento de 9,6% na categoria de "trabalhador por conta própria" de um ano para o outro. Ao contrário do que tenta passar a mídia a esse respeito - de que trata-se do crescimento do "empreendedorismo", "próprio negócio" - a situação refere-se a pessoas que vão buscar na rua o seu sustento, por não conseguirem um trabalho.

Enquanto esse tipo de "emprego" precário cresce, cai o trabalho com carteira assinada - aquele que estabelece piso salarial, direito a férias, licença maternidade, e etc. Foram menos 497 mil vagas (-1,5%) com carteira assinada no período de um ano. Hoje o total de trabalhadores é 32,8 milhões.

Essa tendência pode ser explicada pela queda da formalidade no trabalho doméstico: no trimestre encerrado em junho do ano passado, 30,6% tinham carteira assinada. Neste ano, esse percentual caiu para 29,4%.

PRICILA CASALE



Gasolina sobe 0,9%

O preço da gasolina nas refinarias - quando retirada pelas distribuidoras - teve um aumento de 0,9%, anunciado pela Petrobras nesta segunda-feira, 20, passando para R\$ 1,9762 o litro.

No dia 1º de maio, o litro da gasolina estava por R\$ 1,8072, portanto, desde lá, o aumento do combustível foi de 9,35%, enquanto a inflação pelo IPCA, já computado maio, junho e julho mais a projeção para agosto, não deve passar dos 3,2%.

As variações diárias, ou quase, dos preços dos derivados do petróleo obedecem à política de preços implantada na Petrobras desde junho de 2017, pela gestão de Pedro Parente, san-

cionada por Temer, na qual os preços para os consumidores dispararam bem acima da inflação.

Depois da saída de Parente, causada pela greve dos caminhoneiros em maio, essa política ainda vigora com Ivan Monteiro, atual presidente da empresa.

Já o diesel está com o preço fixo em R\$ 2,0316 nas refinarias, desde 1º de junho, por conta do acordo com os caminhoneiros. A Medida Provisória (MP) 847/18 de 31 de julho previa o desconto de R\$ 0,46/litro do diesel até 31 de dezembro, no entanto, desde a greve, de acordo com o levantamento da ANP, o desconto do preço médio foi de R\$ 0,22.

Escreva para o HP

horadopovo@horadopovo.com.br



HORA DO POVO é uma publicação do Instituto Nacional de Comunicação 24 de agosto
Rua José Getúlio, 67, Cj. 21
Liberdade - CEP: 01509-001
São Paulo - SP
E-mail: inc24agosto@uol.com.br
C.N.P.J. 23.520.750/0001-90

Editor-Geral: Clóvis Monteiro Neto
Redação: fone (11) 2307-4112
E-mail: horadopovo@horadopovo.com.br
E-mail: comercial@horadopovo.com.br
E-mail: hp.comercial@uol.com.br
Redação: Rua Mazzini, 177 - São Paulo - CEP: 01528-000

SUCURSAIS:
Rio de Janeiro (RJ): IBSCS - Rua Marechal Marques Porto 18, 3º andar, Tijuca - Fone: (21) 2264-7679
E-mail: hprj@oi.com.br
Brasília (DF): SCS Q 01 Edifício Márcia, sala 708 - CEP 70301-000
Fone-fax: (61) 3228-5834 E-mail: hp.df@oi.com.br
Belo Horizonte (MG): Rua Mato Grosso, 539 - sala 1506 Barro Preto CEP 30190-080 - Fone-fax: (31) 271-0480
E-mail: horadopovomg@uol.com.br
Salvador (BA): Fone: (71) 9981-4317 - E-mail: horadopovobahia@oi.com.br
Recife (PE): Av. Conde da Boa Vista, 50 - Edifício Pessoa de Melo, sala 300 - Boa Vista - CEP 50060-004
Fones: (81) 3222-9064 e 9943-5603
E-mail: horadopovope@yahoo.com.br
Belém (PA): Avenida Almirante Barroso/Passagem Ana Deusa, 140 Curú-Utinga - CEP 66610-290. Fone: (91) 229-9823
Correspondentes: Fortaleza, Natal, Campo Grande, Rio Branco, João Pessoa, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

www.horadopovo.com.br

Fundo do poço não chega e impopularidade de Temer só aumenta: 78,3% acha ruim ou péssimo

A rejeição ao governo de Michel Temer (PMDB) aumentou ainda mais na pesquisa CNT/MDA divulgada na segunda-feira (20). O número de entrevistados que consideram o governo ruim ou péssimo subiu para 78,3%. No último levantamento, realizado em maio, a taxa foi de 71,2%. Apenas 2,3% dos entrevistados consideram o governo ótimo ou bom - no levantamento anterior a taxa era de 4,3%.

Se for somar ruim e péssimo com regular, que foi de 17,7%, o índice dos que não

vão com a cara do governo de Temer chega a 96%.

A avaliação do desempenho pessoal de Temer também piorou. 89,6% disseram desaprovarem enquanto 6,9% responderam que aprovam. Em maio, os índices eram de 82,6% e 9,7%, respectivamente. Os outros 3,5% não souberam ou não responderam.

Temer foi escolhido duas vezes por Lula para ser vice de Dilma, a quem substituiu quando esta foi apeada do poder pelo impeachment. Sem

popularidade, o presidente tem ficado longe dos palanques - até mesmo dos candidatos do seu partido e das legendas que fazem parte da base de apoio do governo.

O presidencialismo do PMDB, Henrique Meirelles, por exemplo, tem se apresentado como candidato da "própria história" e cita com frequência o fato de ter comandado o Banco Central durante o governo de Lula. Quando diz ter sido ministro da Fazenda, nunca menciona que foi no atual mandato.

PT quer que país se submeta a órgão de 5ª categoria da ONU



E o candidato de Temer em São Paulo Skaf diz que “nunca teve padrinhos” (só Michel Temer, Odebrecht & etc)

Durante o debate, na Band, entre candidatos a governador de São Paulo, o candidato do PMDB, Paulo Skaf, revelou: “nunca tive padrinhos”.

A novidade foi proferida em resposta a uma pergunta de Márcio França – candidato da coligação “São Paulo confia e avança” – sobre a troca de partidos por Skaf, que saiu do PSB para o PMDB de Temer – partido notório, como friso França, pela “mala do Geddel” e por “falir o Estado do Rio de Janeiro” com a corrupção da quadrilha de Sérgio Cabral.

Considerando esses fatos, Márcio França perguntou: “Você diria que o presidente Temer é um homem honrado? Diga para nós, o presidente Temer, que é o presidente da República do seu partido, é um homem que merece a nossa confiança?”

“Ao invés de responder, Skaf disse o seguinte: “Na realidade, essa história de padrinho já não deu certo no Brasil. Eu entrei sem padrinhos na política, eu nunca tive padrinhos. Outras histórias não fazem parte da minha.”

Portanto, poder-se-ia (!) concluir que Skaf não considera Temer um homem honrado ou que mereça confiança. No entanto, ele não explicou porque está em um partido cuja principal figura é um homem sem honradez – ou sem honra – e que não merece confiança.

O problema é, justamente, que, quanto às “outras histórias”, o candidato do PMDB não foi preciso – ou seja, faltou com a verdade.

Essas “outras histórias” – a começar pela de Temer e seu círculo de corruptos – fazem parte da sua, sim.

No dia 28 de maio de 2014, Michel Temer acertou com Marcelo Odebrecht o repasse, para Skaf, de parte de uma propina de R\$ 10 milhões.

A parcela de Skaf foi, até mesmo, a maior: R\$ 6 milhões.

O fato foi confirmado pelos depoimentos de Marcelo Odebrecht e mais três executivos do mesmo grupo: Cláudio Melo Filho, Hilberto Silva – o chefe do departamento de propinas da Odebrecht – e José de Carvalho Filho.

Continue lendo em www.horadopovo.org.br



Nota dos Direitos Humanos da ONU fazendo ressalvas ao comitê Fachin toma posse como membro efetivo no TSE

O ministro Luiz Edson Fachin, do STF, tomou posse, em sessão plenária solene na quinta-feira (16), como ministro efetivo do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

A solenidade foi coordenada pelo presidente do TSE, ministra Rosa Weber.

“O ministro Fachin é daquelas pessoas que fazem a diferença. Tenho certeza que terá participação efetiva, não só na construção do justo e concreto, como também sua companhia será preciosa na condução das eleições

que se avizinhos”, afirmou a presidente do TSE.

A ministra pediu licença a Fachin para ler a mensagem que este lhe enviou antes da cerimônia. Nesta mensagem, o ministro Luiz Edson Fachin se colocou, como ministro efetivo, à disposição de Rosa Weber “timizeira da nau eleitoral que vai cruzar os mares da democracia. Fiel à bússola, respondo presente às missões que vocacionam. Trabalhe para que o desassossego não se transforme em autodestruição

e para que o porto seguro seja o desenlace que não nos negue morada”.

Fachin substituiu o ministro Luiz Fux, que completou dois períodos – quatro anos – no TSE.

Compareceram à posse do ministro no TSE a presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), ministra Cármen Lúcia, a procuradora-geral da República, Raquel Dodge, e o presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Cláudio Lamachia.

C.L.

Segundo o PT, Lula ficou rico com palestras

O PT sentiu necessidade de colocar uma nota em seu site, para explicar que “Patrimônio de Lula é fruto de palestras como ex-presidente”.

Como já publicamos, o patrimônio declarado de Lula saltou de R\$ 839.033,52, nas eleições de 2006, para R\$ 7.987.921,57 agora – um aumento, portanto, de 852%, em um período no qual a inflação, pelo IPCA, não chegou a 100% (a rigor: 99,62%).

Naturalmente, quando torna-se impossível esconder o enriquecimento no patrimônio declarado,

fica-se a imaginar o que não foi declarado...

Que outro homem público, no Brasil, aumentou em 10 vezes o seu patrimônio – ou mais – nos últimos anos?

Talvez o Sérgio Cabral. Ou o Cunha. Ou o Geddel.

Lula está, portanto, em excelente companhia, já que todos estão presos. Até o Piccinini – outro multiplicador de bufunfa – está em prisão domiciliar.

Porém, segundo o PT, essa multiplicação não se deu em 12 anos (2006-2018), mas em apenas cinco anos. Literalmente, diz a nota:

Entre 2011 e 2015 Lula percorreu o mundo dando palestras, contratado por grandes empresas. (...) Lula fez 70 palestras contratadas por 41 empresas e instituições, incluindo multinacionais como a Microsoft e a Pirelli, por exemplo”.

Que o PT publique isso sem nenhuma vergonha, é o sinal de sua corrupção e decadência moral.

Então, quer dizer que a multiplicação do patrimônio de Lula se deve à contribuição das multinacionais e de outras “grandes empresas”?

Leia mais em www.horadopovo.org.br

Debate morno não questionou Alckmin sobre o escândalo da Dersa e o roubo da merenda

O tucano Geraldo Alckmin escapou de ser incomodado por seus adversários no insofribível debate entre alguns candidatos a presidente, promovido pela Rede TV, na última sexta-feira, sobre os escândalos de propinas envolvendo seu governo. A operação da Polícia Federal, batizada de “Operação Pedra no Caminho”, indiciou dois assessores do ex-governador por desvios em obras do Rodoanel, em seu trecho norte. Nem uma palavra foi dita sobre o assunto.

De acordo com o Ministério Público Federal, as fraudes, que envolveram desvios e superfaturamentos, estão relacionadas a um convênio firmado entre a Dersa e a União no valor de 6,4 bilhões de reais. A Procuradoria estima que os desvios chegaram a 600 milhões de reais.

Entre os doze indicados pela PF, está Laurence Casagrande Lourenço, ex-secretário de Transportes do governo Alckmin e o ex-diretor de Engenharia da Dersa, Pedro da Silva.

Os dois ex-dirigentes da estatal nomeados por Alckmin, e que o ex-governador garantiu serem “pessoas sérias”, estão presos desde o dia 21 de junho. Pedro Silva e Casagrande foram nomeados por Alckmin para

substituir, na Dersa, a equipe anterior, que tinha Paulo Vieira de Souza, o notório “Paulo Preto”, como figura mais proeminente. Tudo indica que o tucano substituiu uma quadrilha por outra. Segundo a PF, as contas bancárias de Pedro Silva movimentaram R\$ 50 milhões nos últimos cinco anos.

Outro escândalo envolvendo Alckmin e que, estranhamente, ficou de fora das discussões, foi a operação abafa para esconder o assalto às merendas escolares no Estado de São Paulo. Leia mais em www.horadopovo.org.br

João Goulart: “não compactuo com o assalto às aposentadorias como fazem meus adversários”

João Goulart Filho, candidato a presidente pelo Partido Pátria Livre (PPL), afirmou, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, durante sua visita à cidade, no sábado, que diminuir os ganhos dos aposentados é “injusto” e um “contrassenso”.

“Nós sabemos da importância da Previdência Social para a economia do país. Restringir os ganhos dos aposentados, como defendem os demais candidatos, além de injusto, é um contrassenso porque agrava a contração do mercado interno. São 34 milhões de aposentados que estão perdendo poder aquisitivo. Com isso o mercado interno fica ainda mais achatado e a crise se agrava”, destacou João

Goulart, em ato político ao lado do candidato a deputado federal, e presidente do PPL-RS, Werner Rempel.

Ele lembrou que “os países onde as aposentadorias foram reduzidas e a Previdência Social foi privatizada, como aconteceu no Chile, a situação dos aposentados é um desastre”. “Em meu governo, reforma da Previdência, só se for para melhorar as aposentadorias”, garantiu.

“Somos defensores da Previdência pública e de que as aposentadorias sejam melhoradas e não pioradas como querem os neoliberais e os meus adversários. Os aposentados estão sendo assaltados pela política dos últimos governos. Eles só pensam

em tirar dinheiro do orçamento para enriquecer os bancos através desses juros lunáticos que são praticados no Brasil”, denunciou o presidencialista. “Temos que acabar com o Fator Previdenciário, uma cria de FHC, e com as outras fórmulas que também achataram os ganhos dos aposentados, como o modelo 85/95 - que exige a soma de idade e tempo de contribuição para se atingir o teto da aposentadoria -, criado no governo Lula”, afirmou o candidato do PPL. “Parece que estão me excluindo dos debates porque eu não compactuo com essas medidas neoliberais e absurdas”, concluiu o filho de Jango.

Continue lendo em www.horadopovo.org.br

Coligado com Alckmin, presidente do PP apoia Lula

O senador Ciro Nogueira (PI), presidente nacional do PP – que indicou a senadora Ana Amelia (RS) para ser vice na chapa de Geraldo Alckmin (PSDB), subiu no palanque de Fernando Haddad (PT) no Piauí, na última sexta-feira (17), quando encheu Lula de elogios, declarando apoio ao ex-presidente, que está preso, mas registrou sua

candidatura no Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Nogueira é candidato à reeleição ao Senado e precisa renovar o foro privilegiado, pois está mira da Operação Lava Jato. O parlamentar foi denunciado pela Procuradoria-Geral da República (PGR) por solicitar propina no valor de R\$ 2 milhões da UTC Engenharia, com base em

promessas de favorecer a empreiteira em obras públicas de responsabilidade do Ministério das Cidades e do estado do Piauí.

O senador escapou por pouco de virar réu, beneficiado pelo trio da impunidade dos corruptos Dias Toffoli, Ricardo Lewandowski e Gilmar Mendes. Leia mais em www.horadopovo.org.br

Procurador regional da República, Maurício Gerum, afirmou que o comitê agiu de forma “precipitada”

Um ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) declarou que a declaração do Comitê de Direitos Humanos da ONU a favor de que Lula seja candidato, tem, para o Judiciário brasileiro, a mesma força que “uma ata de reunião de condomínio”.

Outro ministro, também do STF, disse que esse comitê da ONU – na verdade, um grupo de assessores – “não tem poder para revogar a lei da ficha limpa”. Afinal, disse o ministro, por que Lula seria diferente das centenas, talvez milhares de indivíduos, que, por estarem condenados em segunda instância, estão, pela lei da ficha limpa, impedidos de se candidatar?

No entanto, o PT, dentro em breve, estará defendendo uma intervenção militar da ONU no Brasil para que Lula seja candidato a presidente.

Afinal, o que se pode depreender dos berros da cúpula do PT, de que as decisões desse grupo de assessores da ONU sobre Lula são “obrigatórias”, “mandatórias”, etc., para a Justiça do Brasil, mesmo que contra a lei? Por essa lógica, por que não defender que a ONU mande tropas para cá? Caso contrário, de que valeria esse suposto caráter “obrigatório”, “mandatório”?

Claro, leitor, é ridículo – porque é uma palhaçada. O problema da cúpula petista (e não somente dela, vide o apoio do presidente do PP, Ciro Nogueira, a Lula, e a defesa da candidatura deste por Cunha) é voltar a roubar. Por isso querem Lula outra vez na Presidência.

Se isso não for possível, como já dissemos aqui, preferem que Alckmin chegue ao Planalto, do que qualquer alternativa popular e nacional.

Com a gritaria de que o Brasil tem de se submeter a uma força externa para que Lula volte a roubar e a deixar roubar, o PT abandona de vez qualquer máscara “nacional” - e se apresenta como aquilo que é: um magote de colonizados e serviais, sem raízes verdadeiras no país. Tanto assim que acha legítimo impor a violação das leis brasileiras a partir de fora do Brasil.

Como se o papel da ONU fosse intervir em um país-membro para que um criminoso, inelegível pela lei do país, possa ser candidato. E que se dane o Judiciário. Mesmo que fosse o Conselho de Segurança, ou a Assembleia Geral da ONU, não seria justo nem legítimo.

Mas é claro que o órgão em que o PT conseguiu uma declaração – aliás, pifia - não é o Conselho de Segurança nem a Assembleia Geral. Portanto, o que estão fazendo é deixar a ONU em má situação dentro do Brasil.

Trata-se, como dissemos, de um grupo de assessores, daqueles que existem aos montes na ONU, sem nenhum poder para mandar nos países, até porque não é composto por representantes de países.

Esse órgão não é previsto pela Carta da ONU, mas pelo Pacto Internacional sobre Direitos Cívicos e Políticos, assinado por Collor em 1992. No artigo 28, esse Pacto institui o comitê, com o seguinte caráter: “Os membros do Comitê serão eleitos e exercerão suas funções a título pessoal” (v. [texto em português](#)).

Os seus membros, portanto, não representam os seus países. Sua função é examinar “relatórios de Estados partes”, a pedido do secretário geral da ONU (art. 40 do mesmo Pacto). Nas palavras da própria ONU: trata-se de uma reunião de “peritos independentes” (cf. a [nota](#) do próprio comitê).

É um órgão que nem mesmo tem como se comunicar, por si próprio, com o mundo exterior. Para divulgar a sua nota sobre Lula, teve que recorrer ao Escritório de Direitos Humanos da ONU, que a divulgou com a seguinte observação:

“É importante notar que embora esta resposta tenha sido fornecida através do Escritório de Direitos Humanos da ONU, é uma decisão do Comitê de Direitos Humanos, que é formado por peritos independentes. Esta resposta deve ser atribuída ao Comitê de Direitos Humanos” (“It is important to

note that although this response is being provided through the UN Human Rights Office, it is a decision of the Human Rights Committee, which is made up of independent experts. This response may be attributed to the Human Rights Committee”).

Em suma, o Escritório de Direitos Humanos (ACNUDH – iniciais de Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos) fez questão de ressaltar que nada tem a ver com essa “resposta”.

Resumidamente, trata-se de uma fraude. O PT usou um órgão quase completamente sem importância da ONU para tentar passar por cima da lei dentro do Brasil.

E algo tão ridículo que os juízes – incluídos os desembargadores e ministros dos tribunais superiores - não perderam tempo com o assunto, exceto um ou outro comentário, em geral, jocoso.

E não é para menos. A declaração dos assessores da ONU fala em que “o Brasil tome as medidas necessárias para garantir que Luís Inácio Lula da Silva possa exercer seus direitos políticos enquanto estiver na prisão, como candidato às eleições presidenciais de 2018”.

Como notou o procurador Maurício Gerum, que denunciou Lula, no processo perante o Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF-4), “Não é porque Lula está preso que ele não pode concorrer à Presidência, mas porque possui uma condenação criminal confirmada em segundo grau”. O grupo, arrumado pelo PT na ONU, ignora a lei da ficha limpa, “cuja constitucionalidade já foi afirmada pelo STF”, frisou o procurador, e “nada tem que possa ser visto como atentatório aos direitos humanos. Ao contrário. Representa inequívoca evolução do sistema eleitoral brasileiro, constituindo ainda importante mecanismo de aprimoramento na luta contra a corrupção”.

Uma das funções do Escritório e do Alto Comissário de Direitos Humanos da ONU é, exatamente, ajudar os países membros da organização a combater a corrupção. Quanto ao comitê que emitiu a declaração sobre Lula, não acha isso muito importante...

Tanto é assim que, em seguida, diz a nota do grupo: “Esta decisão não significa que o Comitê tenha encontrado algum tipo de violação ainda – é uma medida urgente para preservar os direitos de Lula, já que o caso aguarda consideração de mérito, o que acontecerá no próximo ano”.

Pois o Judiciário brasileiro já encontrou mais de uma violação por parte de Lula – e o condenou, duas vezes, o que o torna inelegível, por corrupção passiva e lavagem. Os direitos de Lula estão, portanto, preservados. Como já disse um filósofo, ele está exercendo o direito de cumprir sua pena.

E tem sorte. Se fosse nos EUA, seria preso e estaria inelegível logo após a condenação em primeira instância. Porém, não se conhece decisão desse grupo da ONU sobre nenhum preso norte-americano que de-seje concorrer à presidência ou a qualquer outro cargo eletivo...

O procurador Gerum aponta, com razão, que o grupo da ONU não poderia tomar qualquer decisão sem consultar o Brasil sobre a situação de Lula: “Além de violar os princípios constitucionais como a independência do Poder Judiciário e o devido processo legal, não é a isso que se prestam os organismos internacionais”.

Gerum deu seu parecer em razão do pedido da defesa de Lula de que ele possa ser entrevistado, na prisão, como candidato.

“É de certa forma irônico”, diz o procurador, “que Lula, que na sua vida política sempre procurou levantar a bandeira da igualdade social, enfatize sua condição de ex-presidente para obter benefícios muito particulares, sem qualquer previsão legal. É nítido que se considera um preso diferenciado, com direitos que vão muito além daqueles normalmente outorgados aos detentos em geral”.

Procurador eleitoral reafirma inelegibilidade de Lula no TSE

O vice-procurador geral eleitoral, Humberto Jacques de Medeiros, apresentou segunda-feira (20) parecer no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), pedindo que a Corte negue o registro da candidatura de Lula à presidência da República.

A manifestação, reiterando seu posicionamento pela inelegibilidade do ex-presidente, foi apresentada em quatro petições de cidadãos que questionam a elegibilidade do petista e o pedido de registro da candidatura. O vice-procurador argumenta que Lula não pode ser candidato porque foi condenado por coilegiado em segunda instância.

Lula está preso desde abril em Curitiba, condenado pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF-4) a uma pena de 12 anos e um mês por corrupção e lavagem de dinheiro no caso do triplex do

Guarujá. “Tal circunstância implica na inelegibilidade do candidato”, disse, no parecer, lembrando que o próprio Ministério Público Eleitoral (MPE) apresentou impugnação da candidatura. “Nestes termos, embora legítima a iniciativa dos cidadãos em apresentarem notícias de inelegibilidade, não há, no caso, reflexos nas providências já adotadas pelo Ministério Público Eleitoral”, acrescentou.

Humberto Jacques de Medeiros pede o “reconhecimento da causa de inelegibilidade” e reitera os argumentos já apresentados pela procuradora-geral da República, Raquel Dodge, que impugnou a candidatura na semana passada. O Ministério Público pede que Lula seja enquadrado na Lei da Ficha Limpa e seja considerado inelegível.

Marina rebate Bolsonaro

Apesar de insofribível na maior parte do tempo, o debate da Rede TV!/IstoÉ, na sexta-feira (17), teve um momento de lucidez quando a candidata à Presidência da República, Marina Silva (Rede), deu um puxão de orelha no candidato Jair Bolsonaro (PSL).

Bolsonaro escolheu Marina para perguntar se ela concordava com o porte geral de armas, segundo ele, para “cidadãos de bem”. Marina respondeu “não”. Mas aproveitou o seu tempo de resposta para retomar um assunto, a desigualdade salarial entre homens e mulheres que Bolsonaro defendeu antes que devia ser menor que o dos homens.

“Antes eu queria te dizer uma coisa, Bol-

sonaro. [...] Só uma pessoa que não sabe o que significa uma mulher ganhar um salário menor do que um homem e ter as mesmas capacidades, a mesma competência e ser a primeira a ser demitida. A última a ser promovida. [...] Tem de se preocupar sim, porque quando se é presidente da República, tem de se fazer cumprir o artigo quinto da Constituição Federal que diz que nenhuma mulher deve ser discriminada. Não fazer vista grossa dizendo que não precisa se preocupar. Precisa se preocupar sim. Um presidente da República está lá para combater a injustiça”, afirmou Marina.

Continue lendo www.horadopovo.org.br

Inoperância do governo federal causou crise na fronteira, diz OAB

Governo se omite em meio à situação de brasileiros e dos imigrantes venezuelanos. Para Claudio Lamachia, “cabe ao governo federal uma atuação urgente”

Os recentes acontecimentos ocorridos na região de fronteira Brasil-Venezuela, no estado de Roraima, demonstraram o descalço do governo Temer (PMDB) com os imigrantes venezuelanos e com a população brasileira. Para a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), o “está claro que o problema vem se agravando pela inoperância das autoridades ao longo desse episódio. O que era uma questão humanitária agora tem forte conotação de segurança”.

Desde o último sábado (18), a cidade de Pacaraima, no norte de Roraima, vive uma situação de caos. A onda de violência começou após um comerciante local ser espancado por quatro venezuelanos - segundo a polícia, e ter R\$ 23 mil e celulares roubados. Raimundo Nonato está internado no hospital geral de Pacaraima com traumatismo craniano, com quadro estável. A tarde de sábado foi tomada por gritos convocando moradores a se unirem e saírem pela cidade atrás de venezuelanos.

Após o incidente, grupos de moradores da cidade atacaram os acampamentos dos refugiados venezuelanos que, após entrarem pela fronteira, permanecem no município por falta de condições para locomoção a outras localidades.

Os venezuelanos foram obrigados a deixar Pacaraima. Ao todo 1.200 imigrantes cruzaram a fronteira de volta. Enquanto o ataque acontecia nenhuma autoridade brasileira interveio, ninguém foi preso.

A venezuelana Yineh Manzol, de 26 anos estava abrigada, em um terminal com as três filhas (de 7 e 5 anos e a caçula de 10 meses) quando um grupo de brasileiros chegou com paus e pedras agredindo quem encontrasse. “Agarravam os meninos e os agrediam. Batiam nos pais. Atiravam pedras, telhas. Batiam na cabeça”, conta. “Pegaram nossa comida e nos expulsaram como se fôssemos cachorro. Quem estava no banheiro [e não pode fugir] ficou sem nada”, contou.

Cerca de 2.000 a 3.000 pessoas estavam dormindo em tendas nas ruas. Quem estava sob as tendas, esperando a triagem e a documentação, teve que sair correndo e cruzar a fronteira.

Para permitir a passagem, o Exército fez um cordão de isolamento, gerando revolta dos presentes no local, que, entre estrofes do Hino Nacional, chamavam os militares de “periquitos verdes”. Eles fecharam o acesso à cidade com uma grande fogueira de pneus, aos gritos de ódio contra os “venecas”.

Os que fugiram deixaram os pertences para trás; o que ficou, virou fogueira, a maior delas em frente à rodoviária. Ali foram incineradas malas inteiras, comida, lençóis, barracas, tudo que pudesse ser dos estrangeiros.

A rodovia que faz a divisa dos países ficou fechada, só foi aberta no final da tarde com negociação da Polícia Rodoviária Federal e os locais comemorando a “vitória” e considerando terem passado o recado: “Quem manda no Brasil é os brasileiros”.

ÓDIO

É a ação insuficiente do poder público que incita o discurso xenofobo. Sem a participação efetiva do estado não há atendimento emergencial para instalar alojamentos, provisão de alimento, ampliação dos serviços de saúde e intermédio para emprego à altura da necessidade dos moradores de Pacaraima e os refugiados venezuelanos.

Yaretsi Corrêa, de 37 anos, deixou a cidade de El Tigre e há quatro meses vivia em um barraco às margens da BR-174, chorou bastante ao ver que todo alimento que ela estava guardando para levar para os filhos na Venezuela foi queimado. Além disso, todos os documentos dela e de seu marido, como Cédula Venezuelana, CPF brasileiro, cartão do SUS, diploma universitário e certificado de conclusão da escola, foram incendiados.

“Eles [brasileiros] nos disseram que se continuarmos aqui vão nos matar. Vou estar mais tranquila quando cruzar a fronteira”, disse Yaretsi.

A venezuelana Mariver Guevara, de 42 anos, vivia com a filha de 13 anos. “Chegaram nos atacando, atirando pedras, garrafas. Foi muito violento. Aqui moravam crianças, mulheres, recém nascidos de dois meses. As pessoas saíram correndo. Foram empurradas. A gente tentava se defender, mas não podia porque

era muita gente”.

“Não sei o que fazer. Não quero voltar para a Venezuela”, afirmou Mariver Guevara.

O cenário na região fronteira vinha sendo tenso há algum tempo. Um relatório deste ano da FGV/DAPP já fazia um alerta para eventuais distúrbios:

“Um fator de grande preocupação em Roraima é o surgimento de conflitos pela disputa de emprego, vagas no sistema público de ensino e em hospitais — apenas em fevereiro, foram registrados dois ataques a venezuelanos. (...) A sensação de sobrecarga estaria, portanto, menos ligada a uma piora dos serviços a partir do maior contingente de imigrantes e, sim, mais relacionada a um cenário em que a prefeitura, sem o apoio dos governos estadual e federal para atrair projetos de desenvolvimento econômico para a região, não consegue prover o necessário a uma população majoritariamente desempregada, ou inserida no mercado informal, e pouco instruída”, diz o documento.

A governadora de Roraima, Suely Campos (PP), afirmou que já havia solicitado, desde o ano passado, a presença de mais homens da Força Nacional e apoio para a região fronteira. Segundo ela, os repetidos ofícios encaminhados ao governo Temer foram ignorados.

“Roraima vem solicitando da União o aporte de R\$ 184 milhões, a título de ressarcimento dos gastos já efetuados pelo estado, para garantir a compra de remédios, materiais de cirurgias, aparelhamento das polícias para enfrentar a onda de violência, e assegurar educação para alunos estrangeiros. É uma quantia significativa para Roraima, mas irrisória para a União. A intervenção militar na Segurança Pública do Rio de Janeiro, por exemplo, foi orçada em R\$ 3,2 bilhões”, aponta Suely.

O presidente nacional da OAB, Claudio Lamachia, criticou a gravidade da situação na fronteira. “Nesta semana estive em Boa Vista, capital de Roraima, onde pude presenciar as dificuldades enfrentadas tanto por imigrantes quanto pela população das cidades que hoje são a porta de entrada daqueles que buscam uma condição melhor para sobreviver”, afirmou.

Segundo ele os mais de 800 imigrantes que entram em Roraima todos os dias, “causam uma sobrecarga aos hospitais, tornando ainda mais vulnerável todo o sistema de saúde, além de reflexos no número insuficiente de vagas em escolas e o aumento da criminalidade”.

Para Lamachia, “cabe ao governo federal uma atuação urgente antes que uma tragédia aconteça. Está claro que o problema vem se agravando pela inoperância das autoridades ao longo desse episódio. O que era uma questão humanitária agora tem forte conotação de segurança. Os Estados precisam se organizar para receber os venezuelanos e dar um exemplo ao mundo de democracia e solidariedade”.

REFUGIO

Na segunda-feira, o governo de Roraima entrou novamente com um pedido no STF para o fechamento da fronteira com a Venezuela. No início do mês, a ministra Rosa Weber (STF), já havia indeferido o pedido. “A proteção aos refugiados está intimamente ligada à proteção dos direitos humanos”, destacou a ministra em seu parecer.

Weber alertou ainda que “partir para a solução mais fácil de ‘fechar as portas’, equivalente, na hipótese, a ‘fechar os olhos’ e ‘cruzar os braços’, não deve ser o tratamento para os venezuelanos que buscam refugio em meio a esta grave crise que o país vizinho vive”.

De acordo com a mais recente estimativa da ONU, 2,3 milhões de venezuelanos deixaram o país nos últimos três anos, em um êxodo provocado, sobretudo pela falta de alimentos e medicamentos. O período marcou o agravamento da crise política, econômica e social na Venezuela. Apesar da tensão provocada pela chegada de imigrantes a Roraima, o Brasil não é o país que mais recebeu venezuelanos no período recente, a Colômbia abriga atualmente cerca de 870 mil venezuelanos, enquanto o Peru abriga 400 mil e o Equador, cerca de 110 mil.

Para a ministra, a existência de uma barreira para evitar a entrada de imigrantes “é medida que defluiu de todas as normas internacionais a que aderiu o Brasil”.



Venezuelanos acampados em Pacaraima tiveram seus pertences queimados



“Deixamos o recado que não iremos aceitar que fechem nossas escolas”

15 mil estudantes vão às ruas de Porto Alegre contra o fechamento de escolas

Mais de 15 mil estudantes gaúchos saíram às ruas de Porto Alegre, nesta sexta (17), e protestaram contra o fechamento de mais de 3 mil salas de aula, realizado pelo governo de Ivo Sartori (PMDB) e em defesa do meio-passe estudantil, que está sendo atacado pelo prefeito Nelson Marchezan (PSDB).

Os estudantes gaúchos também se manifestaram contra o fechamento de escolas, turmas e turnos, do governador Sartori (PMDB). O ano letivo começou com Sartori fechando 6 escolas em Porto Alegre. Desde o início do governo, ele já fechou 37 escolas e 3081 turmas.

“O que estamos vivendo é o sucateamento da educação, entre as escolas que estão abertas, 10% estão sem bibliotecas, 51% sem laboratório de ciências, 15% sem laboratório de informática... 32 meses de parcelamento do salário dos nossos professores. Fechar escola é crime!”, afirmou a UGES na convocação para o ato.

PASSAGEM

O decreto de Marchezan, publicado há cerca de um ano, acabou com a gratuidade da segunda passagem para quem pega mais de um

ônibus em um intervalo de 30 minutos, mantendo o benefício apenas a estudantes que utilizam o cartão TRI escolar. Na mesma época, o prefeito encaminhou à Câmara de Vereadores um pacote de medidas para alterar o sistema de transporte coletivo na Capital. As propostas, no entanto, tiveram tramitação suspensa e não foram votadas pelos vereadores, mas previam, entre outras coisas, que apenas estudantes de famílias com renda de até três salários mínimos passariam a ter o direito à meia passagem, que também não seria mais um direito para professores.

“Fomos às ruas e deixamos o recado que não iremos aceitar que retirem nossos direitos e fechem nossas escolas. A luta segue e continuaremos nas ruas até que o projeto do Marchezan seja retirado e Sartori desista de fechar escolas”, avaliou Vitória Cabreira.

Protesto de estudantes paulistas repudia a Reforma do Ensino Médio

Mais de três mil estudantes fora às ruas da capital paulista nesta manhã de quinta-feira (16). O ato, convocado pela União Municipal dos Estudantes Secundaristas (UMES), criticou os cortes no orçamento da Educação e condenou a “Deformação do Ensino Médio”.

Para Lucas Chen, presidente da Umes, os estudantes tem o dever de denunciar os ataques de Temer à Educação e ao país. “Os estudantes não aguentam mais todo esse descalço com a educação pública. Nós queremos uma escola de qualidade, que nos dê condições de entrar na universidade pública e seguir nossos sonhos”, destacou.

Chen comemorou a alta participação de estudantes, mas também de professores, diretores de escolas e familiares no protesto. Mais de 120 escolas marcaram presença no ato estudantil.

“O governo Temer já mostrou sua cara, sabemos claramente quem é o inimigo e vamos vencê-lo. Esse é o mesmo governo que aprovou a PEC 55 contra o povo, impedindo maior investimento em educação, saúde e segurança. Mas nós não esquecemos! E vamos lembrar de todos os inimigos da educação! Deputado que barrar a votação de projeto que nos dê



Mais de três mil estudantes participaram do ato

mais direitos e melhore nossa educação que se prepare!”, apontou Chen.

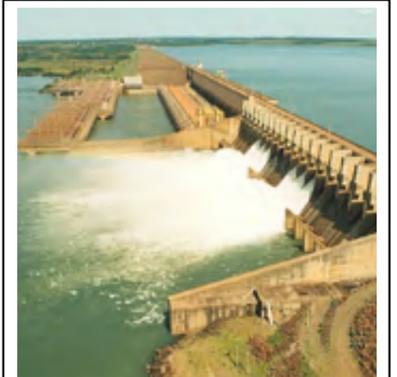
ENTENDA A ‘DEFORMA’

Apelidada de “Deformação do Ensino Médio” pelos estudantes, a mudança na base curricular foi apresentada pelo governo Temer por meio da Medida Provisória (MP) 746/2016.

O documento geral que visa regularizar a proposta é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). No entanto, na proposta de BNCC apresentada pelo Ministério da Educação, ficam estipuladas as habilidades e competências a serem desenvolvidas pelos estudantes em cada grande área do conhecimento (linguagens, matemática, ciências humanas e ciências da natureza). Mas, apenas dois

“componentes curriculares”, como agora são chamadas as disciplinas, tiveram os objetivos específicos detalhados, ano a ano: português e matemática.

A parte de “aprofundamento” do ensino médio, que teoricamente pode ser escolhida por cada estudante não é concisa. A BNCC não fala nada sobre os itinerários (currículo das matérias), que devem ser criados pelos próprios sistemas de ensino em cada uma das áreas do conhecimento ou em ensino tecnológico. No dia 30, entra na pauta do Supremo Tribunal Federal a discussão da MP 746. O PSOL entrou com uma ação no STF no ano passado pedindo que se analisasse a inconstitucionalidade da medida provisória.



Hidrelétrica de Ilha Solteira, em SP

A privatização da CESP

JOAQUIM FRANCISCO DE CARVALHO*

O jornal Valor de 2 de agosto traz uma reportagem bastante depreciativa sobre as hidrelétricas de Ilha Solteira e Jupia, que foram construídas pela CESP, com dinheiro público. Observa-se, de saída, que a matéria não foi feita por iniciativa do jornal, mas sim por convite da CTG [China Three Gorges Corporation], feito à repórter Camila Maia, que fez a viagem a Três Lagoas e Ilha Solteira. Não é plausível que os chineses da CTG tenham feito esse convite para que a repórter falasse bem das hidrelétricas visitadas. Parece claro que sua intenção foi a de colecionar argumentos para, depois:

1. Justificar um reajuste tarifário;

2. Intensificar a campanha de desvalorização da Eletrobrás, cuja compra, na bacia das almas, está na mira da CTG.

Quanto ao conteúdo da reportagem (escrita por uma leiga no assunto) observa-se o seguinte:

1. A eventual substituição dos grupos hidrogeradores daquelas usinas já estava nos planos da CESP, como, aliás, está nos planos de qualquer hidrelétrica. Na hidrelétrica de Furnas, por exemplo, todos os geradores foram recentemente substituídos, com um investimento de 250 milhões de reais. Os chineses alegam ter investido 3 bilhões em Jupia e Ilha Solteira. Pode ser.

2. A motorização de uma usina hidrelétrica (instalação dos grupos hidrogeradores) representa apenas uma fração do custo total da obra. As maiores parcelas do custo estão nas desapropriações necessárias para preparar o futuro reservatório; nas obras de terraplanagem (escavações para os desvios provisórios e para as fundações da obra etc.) e na construção da barragem propriamente dita (gigantescos volumes de concreto e de terra).

3. Toda a instrumentação e controle de usinas construídas na época em que Jupia e Ilha Solteira o foram, era analógica (décadas de 1960 e 70). Na década seguinte, a substituição da instrumentação analógica, por instrumentação e controle digital, já estava nos planos das duas empresas — e não apenas para Jupia e Ilha Solteira.

4. Jupia e Ilha Solteira, juntas, perfazem uma capacidade da ordem de 5 mil MW (megawatts) instalados. Se os chineses as construísem agora, aí sim, contribuiriam para expandir o sistema elétrico, mas teriam de investir algo em torno de 40 bilhões de reais (O custo de construção de uma hidrelétrica típica está em torno de R\$ 8.000/kW instalado). Em vez disso, preferiram comprá-las já prontas, pela bagatela de 3 bilhões de reais (7,5% do valor real) ou seja, na bacia das almas. Para isto, aproveitaram-se da parvoíce de alguns, da incompetência de outros e da corrupção de muitos, que imperou na secretaria de energia de São Paulo. E, como as usinas já existiam, o “negócio” com os chineses em nada contribuiu para expandir o sistema elétrico.

5. Calculando-se o custo da energia gerada nas duas usinas a partir do investimento feito pelos chineses, chegaríamos a, aproximadamente, R\$ 90/Mwh. Esta energia poderá ser repassada ao mercado por uma tarifa média da ordem de R\$ 180/MWh. Portanto, as duas usinas, juntas, têm um potencial lucrativo da ordem de 2 bilhões de reais por ano. Assim, os chineses recuperarão o investimento em pouco mais de 1 ano e sairão rindo da burrice dos brasileiros. Da corrupção eles não riem, porque ai o “bicho pega” também neles. Há inúmeras empresas controladas pelo Estado que deveriam ser privadas. Certamente a maioria. Estatais basta que sejam aquelas cuja produção seja monopolizável e vital para as demais atividades, como é o caso da energia elétrica.

* Joaquim Francisco de Carvalho é engenheiro da CESP. Artigo publicado no portal do Instituto Estratégico de Desenvolvimento Energético - ILUMINA

Vazamento na Transposição do Rio São Francisco obriga retirada de famílias de casa

Um vazamento numa das represas da transposição do rio São Francisco em Salgueiro, sertão de Pernambuco, obrigou cerca de 35 famílias, a saírem de casa nesta sexta-feira (17). Em menos de uma semana, foi o segundo problema no mesmo trecho da obra.

Segundo os moradores, a informação que uma das barragens poderia romper foi dada na noite de quinta-feira (16), por funcionários de uma das construtoras responsáveis pela obra.

“Chegaram dizendo que nós tínhamos que sair porque a barragem estava comprometida, e que era para nossa salvação, era melhor que nós saíssemos imediatamente. Tinha o risco de a barragem estourar”, afirmou Dona Francisca, agricultora local.

O dique de Negreiros, local do vazamento, estava cheio quando o vazamento começou.

No sábado (10), um dos canais se rompeu causando um grande desperdício de água. O trecho faz parte da terceira estação de bombeamento do Eixo Norte do Projeto da Transposição. O acionamento foi feito há apenas 15 dias, com a presença do presidente Michel Temer. A previsão era de que as águas do Rio São Francisco chegassem até os municípios do Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte até setembro.

Pai contra mãe

Continuação da página 8

MACHADO DE ASSIS

Que pensasse mais de uma vez em voltar para casa com ele, é certo; não menos certo é que o agasalhava muito, que o beijava, que cobria o rosto para preservá-lo do sereno.

Ao entrar na Rua da Guarda Velha, Cândido Neves começou a afrouxar o passo. -Hei de entregá-lo o mais tarde que puder, murmurou ele. Mas não sendo a rua infinita ou sequer longa, viria a acabá-la; foi então que lhe ocorreu entrar por um dos becos que ligavam aquela à Rua da Ajuda. Chegou ao fim do beco e, indo a dobrar à direita, na direção do Largo da Ajuda, viu do lado oposto um vulto de mulher; era a mulata fugida. Não dou aqui a comoção de Cândido Neves por não podê-lo fazer com a intensidade real. Um adjetivo basta; digamos enorme. Descendo a mulher, desceu ele também; a poucos passos estava a farmácia onde obtivera a informação, que referi acima. Entrou, achou o farmacêutico, pediu-lhe a fineza de guardar a criança por um instante; viria buscá-la sem falta.

- Mas...

Cândido Neves não lhe deu tempo de dizer nada; saiu rápido, atravessou a rua, até ao ponto em que pudesse pegar a mulher sem dar alarme. No extremo da rua, quando ela ia a descer a de S. José, Cândido Neves aproximou-se dela. Era a mesma, era a mulata fujona.

- Arminda! bradou, conforme a nomeava o anúncio.

Arminda voltou-se sem cuidar malícia. Foi só quando ele, tendo tirado o pedaço de corda da algibeira, pegou dos braços da escrava, que ela compreendeu e quis fugir. Era já impossível. Cândido Neves, com as mãos robustas, atava-lhe os pulsos e dizia que andasse. A escrava quis gritar, parece que chegou a soltar alguma voz mais alta que de costume, mas entendeu logo que ninguém viria libertá-la, ao contrário. Pediu então que a soltasse pelo amor de Deus.

- Estou grávida, meu senhor! exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço!

- Siga! repetiu Cândido Neves.

- Me solte!

- Não quero demoras; siga!

Houve aqui luta, porque a escrava, gemendo, arrastava-se a si e ao filho. Quem passava ou estava à porta de uma loja, compreendia o que era e naturalmente não acudia. Arminda ia alegando que o senhor era muito mau, e provavelmente a castigaria com açoutes, - cousa que, no estado em que ela estava, seria pior de sentir. Com certeza, ele lhe mandaria dar açoutes.

- Você é que tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois? perguntou Cândido Neves.

Não estava em maré de riso, por causa do filho que lá ficara na farmácia, à espera dele. Também é certo que não costumava dizer grandes cousas. Foi arrastando a escrava pela Rua dos Ourives, em direção à da Alfândega, onde residia o senhor. Na esquina desta a luta cresceu; a escrava pôs os pés à parede, recuou com grande esforço, inutilmente. O que alcançou foi, apesar de ser a casa próxima, gastar mais tempo em lá chegar do que deveria. Chegou, enfim, arrastada, desesperada, arquejando. Ainda ali ajoelhou-se, mas em vão. O senhor estava em casa, acudiu ao chamado e ao rumor.

- Aqui está a fujona, disse Cândido Neves.

- É ela mesma.

- Meu senhor!

- Anda, entra...

Arminda caiu no corredor. Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os cem mil-réis de gratificação. Cândido Neves guardou as duas notas de cinquenta mil-réis, enquanto o senhor novamente dizia à escrava que entrasse. No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou.

O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo, entre os gemidos da mãe e os gestos de desespero do dono. Cândido Neves viu todo esse espetáculo. Não sabia que horas eram. Quaisquer que fossem, urgia correr à Rua da Ajuda, e foi o que ele fez sem querer conhecer as consequências do desastre.

Quando lá chegou, viu o farmacêutico sozinho, sem o filho que lhe entregara. Quis esganá-lo. Felizmente, o farmacêutico explicou tudo a tempo; o menino estava lá dentro com a família, e ambos entraram. O pai recebeu o filho com a mesma fúria com que pegara a escrava fujona de há pouco, fúria diversa, naturalmente, fúria de amor. Agradeceu depressa e mal, e saiu às carreiras, não para a Roda dos enfeitados, mas para a casa de empréstimo com o filho e os cem mil-réis de gratificação. Tia Mônica, ouvida a explicação, perdoou a volta do pequeno, uma vez que trazia os cem mil-réis. Disse, é verdade, algumas palavras duras contra a escrava, por causa do aborto, além da fuga. Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas, verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava do aborto.

- Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração.

Explosão em Paulínia: petroleiros denunciam redução de pessoal



Sindicalistas denunciam que as manutenções estão sendo adiadas



Aposentadorias por invalidez também foram canceladas

De 404 mil casos de auxílio-doença, governo corta 78% em um ano, sem critérios claros

O governo federal cancelou milhares de benefícios como auxílio-doença e aposentadoria por invalidez a cada ano. Para se ter uma ideia, só nos casos de auxílio-doença, de agosto de 2016 até julho deste ano, foram 404 mil casos revistos e 78% dos benefícios foram anulados. Nos casos das aposentadorias por invalidez, 29,3% foram canceladas.

Segundo o Ministério do Desenvolvimento Social, até o final do ano ainda devem ser revisados mais de 552 mil auxílios-doenças e 1 milhão de aposentadorias por invalidez.

Na última quarta-feira (15), a Fundação Jorge Duprat e Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho (Fundacentro) realizou em São Paulo um seminário para discutir a política do governo

para assistência social em casos de invalidez ou doença. Participaram do debate médicos, psicólogos, conselheiros de saúde, sindicalistas, advogados e especialistas em reabilitação profissional, e consideraram que não ficaram claros quais os critérios de manutenção ou suspensão dos direitos dos segurados.

Os debatedores acrescentam ainda que, junto à falta de transparência de critérios adotados para justificar a cessação, ocorre a precarização da política pública de Previdência Social.

Vale ressaltar que quando a política de revisão dos benefícios foi anunciada, o corte de gastos era justamente o foco. A médica e pesquisadora da Fundacentro, Maria Maeno, afirma que: "Nós temos que conhecer - e não conhecemos - os

critérios que estão sendo utilizados para essa cessação de benefício. Não há divulgação desses critérios, então nós temos muitas testemunhas, muitos relatos internos, inclusive no INSS, de que essas cessações estão se dando unicamente pelo interesse de corte de custos".

Segurados tiveram o benefício suspenso de forma gradativa e agora precisam retornar ao trabalho, mesmo sem condições, como conta uma bancária aposentada por invalidez que preferiu não se identificar. Há 15 anos, ela sofreu um AVC e por conta das sequelas passou a receber seu salário integral pelo INSS. Em abril, teve o benefício cortado. "Eu tenho disritmia cerebral e não tenho condições nenhuma de retornar", lamenta.

Volkswagen de Taubaté anuncia férias coletivas

A Volkswagen coloca parte dos trabalhadores da fábrica de Taubaté em férias coletivas a partir de 20 de agosto. A medida foi anunciada na semana passada e tem duração de aproximadamente um mês, de 20 a 18 de setembro.

A multinacional protocolou pedido no Sindicato dos Metalúrgicos de Taubaté e Região, contudo, não informou quantos trabalhadores serão afetados pela medida, segundo o sindicato.

"Caso haja flutuações momentâneas de mercado a empresa pode utilizar ferramentas de flexibilização da produção para se adequar à demanda de



Empresa não informou quantos serão afetados

mercado", diz a empresa.

Em abril de 2017, a unidade colocou 3.600 trabalhadores dos 4.500 em férias coletivas por 11 dias, alegando à época também se adequar a necessidades do mercado.

Hoje a unidade possui cerca de 3.100 empregados. Se a lógica se mantiver, no ano que vem 1/3 dos trabalhadores, aproximadamente, podem não estar mais trabalhando na empresa.

O Sindipetro-SP está denunciando os dois recentes PDV's na Petrobrás, que resultaram em 20 mil funcionários a menos, sem reposição

Explodiu na madrugada desta segunda-feira, 20, uma caldeira da Refinaria de Paulínia (Replan), no interior de São Paulo. Em seguida, houve um incêndio que foi controlado e não deixou feridos, e mais explosões, mas segundo o Sindicato dos Petroleiros de São Paulo (Sindipetro-SP), foi um golpe de sorte, pois o acidente ocorreu às 1h30.

Segundo os petroleiros da Replan, o incêndio começou logo após a explosão em um tanque de águas ácidas, que fica no chamado craqueamento, unidade que vinha de passar por processo de manutenção e intervenção dos equipamentos. "Foi muito grave o que aconteceu, poderia ter sido uma calamidade", denuncia o coordenador-geral da Federação Única dos Petroleiros (FUP), Simão Zanardi Filho.

Já o coordenador do Sindipetro-SP, Juliano Deptula, afirmou que "se tivesse ocorrido em horário administrativo, quando há muitas intervenções de manutenção e trabalhadores circulando, poderíamos ter tido uma fatalidade". O sindicato esclarece que a explosão causou o rompimento de várias linhas de tubulações e o fogo também atingiu a unidade de destilação da Refinaria, causando mais três explosões subsequentes e os trabalhadores tiveram de fugir do local.

A Replan é a maior refinaria da Petrobrás, com capacidade de processamento de 434 mil barris de petróleo por dia e com uma produção correspondente a 20% de todo o refino de petróleo no Brasil.

Com tudo isso, a recente política de cortes implementada pela direção da Petrobrás já começa a cobrar seu preço. O Sindipetro-SP está denunciando os dois recentes Programas de Desligamento Voluntário (PDV's) na Petrobrás,

que resultaram em 20 mil funcionários a menos, sem que tenha havido concurso público ou contratações de quaisquer tipo. "Até agora não teve reposição do efetivo e nem concurso público. As refinarias estão trabalhando com o efetivo reduzido e, depois da greve dos caminhoneiros, passaram a operar com maior capacidade, o que exige mais demanda dos trabalhadores que ficaram", explicou Simão.

Por Isso, o coordenador aponta que "uma das linhas de investigação nossa para a explosão é a falta de efetivo, e outro problema é a falta de manutenção. Nessa passagem de gestão do Pedro Parente e agora do Ivan Monteiro (na presidência da Petrobrás), as manutenções estão sendo adiadas para economia de dinheiro. Isso torna as unidades vulneráveis a registrar vazamentos e quebra de equipamentos", conta.

O coordenador da FUP e trabalhador da Replan, Gustavo Marsaioli, também reforça o problema: "A gente não descarta a tese de que o enxugamento das manutenções por falta de funcionários tenha sido o real motivo do acidente. Nós, que somos da manutenção, percebemos que as paradas das refinarias para fazer o serviço estão tendo pausas menores para não parar a produção", explica.

Por causa do acidente - que provocou um tremor que foi sentido na cidade e assustou os moradores - os funcionários do administrativo foram dispensados nesta segunda, pois há falta de segurança. Até o problema ser esclarecido, a Petrobrás informou que manterá somente os funcionários diretamente envolvidos na manutenção das unidades danificadas e equipes de operações e SMS (Saúde/Meio Ambiente/Segurança) e que a produção foi preventivamente paralisada e será instaurada uma comissão para investigar o acidente.

ANA CLÁUDIA

Entre maio e junho, setor turístico demitiu 16.497

O setor turístico demitiu 16.497 trabalhadores em todo o país nos meses de maio e junho de 2018. O estudo feito pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), com base nos dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), do Ministério do Trabalho, apontou que só no mês de junho foram 7.743 vagas fechadas.

A pesquisa Empregabilidade no Turismo mostrou que as regiões mais afetadas pelo fechamento de vagas foram o sudeste e a região sul, com o fechamento de 3.853 e 2.049 respectivamente, no mês de junho. O estado do Rio de Janeiro tem o pior resultado do país, onde só no mês de junho teve um saldo 2.244 demissões.

Em seguida temos a região nordeste com -943, centro-oeste, -594 e norte com -304 demissões no setor.

Dentre as áreas afetadas, a que mais sofre com as demissões é a de hospedagem e alimentação, com aproximadamente 80% das demissões (-6.269 vagas). "No âmbito doméstico a gente verifica que a queda em hotéis e restaurantes mostra os ajustes que as famílias tem feito, dado ao desemprego muito alto e o aumento dos preços em geral", explica o economista da CNC Antônio Everton Júnior.

"Os serviços ligados ao turismo continuaram amargando prejuízos, uma vez que se manteve a tendência do desemprego do mês anterior. Em maio, o número de desempregados foi um pouco maior, atingindo 8.754 trabalhadores. Nesses dois meses, o desemprego acumulou 16,5 mil pessoas, reflexo do tamanho do ajuste de diminuição de custos que as empresas realizaram em decorrência do tamanho das perdas nos negócios do setor no período", diz a CNC.

O presidente do conselho empresarial de turismo e hospitalidade da CNC, Alexandre Sampaio, diz que, "o fato é que o turismo de lazer, impactado muito pelo Rio de Janeiro, perdeu significativamente número de empregos. E não há contratação, inclusive. Há uma continuidade de dispensa funcional no Rio e em outras cidades de lazer; Brasil fora."

A pesquisa indica que no primeiro semestre, o setor teve um prejuízo de 11.689 postos de trabalho e a entidade não vê perspectivas de melhora para o próximo semestre.

"No segundo semestre, em função da eleição e da falta de perspectiva de investimento, os empresários estão retraídos, esperando os resultados das eleições. Não deve haver novas contratações. As demissões devem continuar.", completa Alexandre.

Avnery, o israelense campeão da paz justa com o povo palestino

O mais destacado lutador pela paz dentro de Israel, Uri Avnery, faleceu no dia 20. Hospitalizado após derrame cerebral, em coma há dez dias, o ex-deputado do Knesset (parlamento israelense), jornalista, fundador da revista semanal Haolam Hazeh (Este Mundo) e idealizador e fundador do Bloco da Paz, Avnery foi o primeiro israelense a se encontrar, após viagem atravessando o Líbano, com o líder palestino, Yasser Arafat.

Ativista pela paz, com o reconhecimento dos direitos do povo palestino e do estabelecimento do Estado da Palestina, livre da ocupação israelense, militou até o final da vida, aos 94 anos.

Avnery pediu que seu corpo seja cremado, seu arquivo entregue à Biblioteca Nacional de Israel e seu dinheiro doado em favor de atividades pela paz.

Sem nunca se intimidar com o poder temporário dos criminosos do apartheid israelense, Avnery demonstrava uma convicção inabalável na justiça de suas idéias. “Do ponto de vista dos ideais, minha vida foi uma vitória total e do ponto de vista das idéias, eles, os inimigos da paz, foram politicamente derrotados”.

Nascido em 1923, em Hanover, na Alemanha, Avnery, que antes de vir a Israel se chamava Helmut Osterman, emigrou junto com sua família para Israel em 1933, alguns meses depois da subida de Hitler ao poder. Depois da chegada viveu até o último de seus dias em Tel Aviv.

Quando jovem, foi admirador do sionista de direita, Zeev Jabotinsky e aos 15 anos de idade ingressou na organização paramilitar sionista, Etzel. O papel de Avnery, na época, durante o terror que ajudou a limpar o terreno de palestinos para implantar o Estado de Israel era – segundo ele próprio – distribuir panfletos para amedrontar os árabes, enquanto companheiros da organização colocavam bombas em mercados, em Haifa, em Yaffo e muitas mulheres e crianças morreram e apoiou isto”, confessou em entrevista ao jornal Haaretz.

Mas a própria guerra de 1948 e as atrocidades contra o povo palestino cometidas sob seu olhar, o fizeram mudar a visão. “Estive entre os primeiros a acreditar na solução dos dois Estados, um para os judeus e outros para os palestinos”, descreve. “Naqueles anos, não passávamos de dez pessoas a acreditar naquilo que hoje é consenso mundial”, declarava Avnery. Mas a partir daí Avnery evoluiu para uma compreensão cada vez mais clara da irracionalidade e injustiça latentes no regime israelense.

Em seu jornal Haolam Hazeh, desde dois anos depois da fundação do Estado de Israel, Avnery brandiu sua pena contra o conservadorismo, a discriminação contra as etnias árabes-judaicas em Israel, contra a posição anti-árabe do primeiro-ministro Bem Gurion.

Denunciou a degeneração e corrupção em que degenerou o regime israelense e foi agraciado pelo chefe do Mossad (serviço secreto de Israel), em 2004, com a denominação de “Inimigo número um do regime”.

Em 1955, uma bomba foi colocada na redação de sua revista. Felizmente não houve feridos.

Em 1982, em plena invasão israelense do Líbano, quando os invasores cercaram Beirute e tentaram trucidar os integrantes da Organização de Libertação da Palestina, OLP inclusive seu líder, Avnery cruzou trincheiras e entrevistou Yasser Arafat, que pouco depois conseguiu escapar.

Em 1992, Avnery idealizou e fundou a organização Bloco da Paz. Participou de inúmeras manifestações pela paz e contra ações agressivas tanto a Gaza quanto a Cisjordânia.

Quando, durante o governo Sharon, a sede da Autoridade Nacional Palestina, em Ramallah, com Arafat em seu interior, foi cercada pelos soldados israelenses, Avnery foi até o prédio para ficar ao lado de Arafat e impedir que o prédio fosse bombardeado e o líder palestino assassinado.

O líder da Lista Árabe Unida com bancada no Knesset, Ayman Odeh, declarou ao se despedir o campeão da paz: “Sua voz, suas idéias, sua visão de mundo continuarão a reverberar depois de sua ida”.

NATHANIEL BRAIA

Submissão à Troika faz economia grega desabar 26% em oito anos



Os protestos contra o arrocho sacodem a Grécia contra o governo de traição

Aretha embalou com sua musicalidade a indignação contra a segregação nos EUA

Após 76 anos dedicados à música e à luta o pelos direitos das mulheres e da população negra nos Estados Unidos, faleceu, na última quinta-feira (16), Aretha Franklin. A cantora, denominada “a rainha do Soul” vinha, desde 2010, batalhando contra um câncer no pâncreas e faleceu em Detroit.

Aretha nasceu em 1942 na cidade de Memphis, no Tennessee, mas cresceu em Detroit, no Michigan, onde seu pai, Clarence L. Franklin era pastor de uma igreja batista. Em 1956 Aretha começou sua carreira gravando um álbum para a igreja de seu pai. Clarence foi conhecido por ter realizado comícios pelos direitos civis junto a outros pastores, como Martin Luther King, o maior líder da luta contra o racismo nos Estados Unidos.

Aretha cresceu em uma casa frequentada por destaques como o intérprete Mahalia Jackson, a cantora e pianista Dinah Washington e Clara Ward e já impressionava com sua condição musical ao cantar aos 7 anos de idade.

Em 1967 interpretou pela primeira vez a música “Respect”, que se tornou uma das mais marcantes presenças nas marchas pelos direitos civis. A música original, de autoria de Otis Redding, fala de um homem trabalhando, ao chegar em casa depois do expediente, só quer de sua esposa um pouco de respeito – na verdade, submissão. Com suas precisas alterações, Aretha e sua irmã Carolyn fizeram com que a música transmitisse a mensagem oposta: é a mulher que exige respeito (nem que seja “apenas um pouquinho”).

Outras músicas que em sua voz ficaram mundialmente conhecidas são, entre tantas outras, “(You make me feel like a) Natural Woman”, “Think”, “Chain of Fools” e “A little prayer”.

Artetha, desde o início até o fim de sua carreira demonstrou uma capacidade inigualável para trabalhar



Aretha cantou em comícios de Martin Luther King

o ritmo eletrizante das músicas que compunham seu repertório. Mas, seu sucesso não se deu somente por seu talento, mas também por sua identidade com a luta que os negros travavam por igualdade e contra a discriminação. Partindo da música, Aretha pôde contribuir para expressar a resistência à segregação e o orgulho das mulheres e de toda a comunidade negra nos Estados Unidos. Reconhecida como por tal atuação, Franklin foi convidada para cantar no funeral de Martin Luther King, assassinado, em 1968.

Em 1970, Aretha Franklin emprestou o seu destaque como artista para fortalecer a campanha pela libertação da militante negra Angela Davis, filiada ao Partido Comunista Americano e presa quando levantava sua voz junto aos protestos que sucederam ao assassinato de Luther King. Já em liberdade, Davis agradeceu o fundamental apoio de Aretha que se ofereceu para pagar sua fiança (o que só não aconteceu porque a cantora estava em viagem no exterior). “O fato dela ter defendido a causa da minha liberdade teve um profundo impacto na campanha, especialmente porque sua declaração inferiu que as pessoas não deveriam temer estar associadas a um comunista [corrente política extremamente demonizada pela direita norte-americana durante a campanha macartista]. Que todos devem se

preocupar com a justiça, no meu caso ajudou de forma importante a consolidar a campanha internacional pela minha liberdade”, afirmou Angela Davis.

Em seu artigo Aretha Franklin: gênio musical, caixa da verdade, lutadora da liberdade, a professora de Literatura Comparada e Estudos Afro-Americanos da Universidade de Colúmbia, Farah Jasmine Griffin, destacou aspectos que determinaram seu destaque enquanto artista: “Uma voz que contém o grito espiritual, o blues gemido, o grito do evangelho e a improvisação do jazz. Sensualmente fundamentada e espiritualmente transcendente, a voz de Aretha é a América no seu melhor”.

Por tudo isso, Aretha merece figurar entre os mais destacados intérpretes da afirmação da riqueza cultural e artística que os homens e mulheres afrodescendentes têm sido capazes de produzir em um país ainda profundamente discriminador e desigual como é o Estados Unidos.

O funeral de Aretha será realizado na cidade em que cresceu e viveu, Detroit, no dia 31, mas será restrito à familiares e conhecidos. Antes de ser enterrada junto com os familiares terá seu corpo será exibido publicamente nos dias 28 e 29 no Museu Charles H. Wright de História Afro-Americana, na mesma cidade.

Mesmo após a economia entrar em depressão e com desemprego de 20%, governo grego defende “novos cortes nas aposentadorias”, “privatizações de portos e aeroportos” e “mais medidas de austeridade”, exatamente ao contrário do que Tsipras prometera aos eleitores

Na segunda-feira passada (20), dia que expirou o autoproclamado terceiro programa de “ajuda financeira” da Troika (Banco Central Europeu, Fundo Monetário Internacional e União Europeia) para a Grécia, o primeiro-ministro Alexis Tsipras anunciou sua decisão de cavar bem fundo no poço da submissão e transformar seu governo numa caixa de ressonância e de registro das decisões tomadas pelos credores. Uma sujeição, particularmente, à Alemanha, que fez com que, após oito anos, a economia grega fosse reduzida em 26%, o ganho real dos salários despenhasse 30%, o desemprego afligisse 20% dos trabalhadores e a dívida pública fosse elevada a 180% do Produto Interno Bruto (PIB), a mais alta da zona do euro.

A partir do que foi informado por Tsipras, “as feridas da crise e o trauma da longa austeridade”, mantida com a desregulamentação das relações de trabalho e a deterioração dos direitos dos trabalhadores, não só permanecerão como irão se agravar, já que, entre outras aberrações, a Grécia ficará obrigada a atingir um superávit primário – recursos públicos desviados das áreas sociais para os bancos – de 3,5% de seu PIB até 2022, e de 2,2% até 2060. Um país cambaleante, completamente fragilizado pela desestruturação do Estado, também precisará implantar um sistema de privatizações e vender duas dezenas de portos, aeroportos e empresas nacionais aos cartéis e especuladores para fazer caixa ao estrangeiro para

RETROCESSO

Como se a tragédia atual fosse pouca, o presidente do Banco Central, Giannis Stornaras, sustentou a continuidade da política antipátria e antipovo, defendendo a aceleração do retrocesso, pois ainda “nos falta um longo caminho a seguir”. “Se não se cumprem as medidas de austeridade, entre elas novos cortes nas aposentadorias, o país não conseguirá a liquidez nos mercados a patamares de juros razoáveis”, ressaltou Stornaras, sustentando a necessidade de destruir a economia para salvá-la. O mesmo argumento utilizado pelo comandante estadunidense após bombardear e reduzir a escombros a histórica cidade vietnamita de Hue.

Segundo o insuspeito Mecanismo Europeu de Estabilidade (MEDE), durante os últimos oito anos foram realizadas duras reformas, cortes sociais e aumentos de impostos para ter acesso aos euros utilizados para alegria e glória do sistema financeiro. A partir de agora, conforme os antigos tutores, Atenas terá que se “autofinanciar”, se autoflagelar, cortar na própria carne dos investimentos públicos e nas áreas sociais para alimentar a voracidade do FMI e da UE.

O diretor-gerente do MEDE, Klaus Regling, intimou a Grécia a cumprir estritamente com os termos do mal chamado “acordo”. “Somos um credor muito paciente, porém queremos nos devolvam o que foi pago. Por isso vamos seguir bem de perto os acontecimentos na Grécia”, advertiu. Regling saudou a decisão do governo grego de renunciar à soberania e vestir sem pudor a camisa-de-força, seguindo à risca o caminho delineado. Certamente, enfatizou, “há muito mais confiança que há dois anos”. Mas pediu mais, para que a confiança seja “totalmente restaurada”.

“Hoje podemos concluir com segurança o programa, sem mais prosseguimento de ajudas financeiras, já que pela primeira vez a Grécia pode sustentar-se por si mesma”, acrescentou o presidente da Junta de Governo do MEDE, Mario Centeno, parabenizando o “extraordinário esforço” e a boa cooperação do atual governo. No entanto, alertou, o organismo continuará realizando no país as missões habituais no marco da “vigilância reforçada”, em conjunto com a UE, até que o país devolva ao menos 70% do dinheiro. “A Grécia ainda encara numerosos desafios”, acrescentou o vice-presidente da Comissão Europeia para o euro, Valdis Dombrovskis.

DÍVIDA ODIOSA

Para o cientista político e historiador belga Eric Toussaint, do Conselho da Associação pela Tributação das Transações Financeiras para ajuda aos Cidadãos (ATTAC), “a dívida cobrada da Grécia deve ser anulada, já que é ilegítima, odiosa, ilegal e insustentável”, como foi demonstrado pela Comissão para a Verdade sobre a Dívida Grega, instalada pela presidenta do parlamento do país em 2015”.

Toussaint lembrou que os 14 países da zona do euro concederam empréstimos bilaterais à Grécia, em 2010, com “taxas de juros abusivas de cerca de 5%”, o que lhes possibilitou lucrar imensamente com a crise. Só a Alemanha, denunciou, conseguiu naquela época “mais de 1,3 bilhões de euros de lucro graças ao seu empréstimo bilateral à Grécia. E a França não ficou atrás”. Na avaliação do historiador, “seria necessário contabilizar também as economias realizadas pelos países dominantes da zona do euro no refinanciamento de suas dívidas públicas: a crise que golpeou a Grécia e a outros países da periferia produziu uma fuga de credores que privilegiaram os países mais ricos da zona do euro que, conseqüentemente, conseguiram uma redução no custo de suas dívidas. No caso da Alemanha, entre 2010 e 2015, as economias chegariam a 100 bilhões de euros”.

LEONARDO SEVERO

López Obrador anuncia “mudança radical” com combate à corrupção e estímulo à produção nacional

O presidente eleito do México, López Obrador, afirmou que a vitória da coalizão encabeçada pelo seu partido, Movimento de Regeneração Nacional, Morena, foi tão contundente que o país vive um momento estelar; mais acrescentou: “Ainda não há vitória final; ela se realizará quando não haja corrupção, violência e se consiga a reconciliação nacional. Falta demonstrar que se pode governar com o povo”.

Em sua participação durante o Quinto Congresso Nacional Extraordinário do Morena, afirmou que “a transformação do país será pacífica, mas profunda; ordenada, mas radical. Vamos arrancar pela raiz o regime de corrupção e privilégios”.

Obrador convidou seus correligionários a iniciar, em 1º de dezembro, dia da posse, a construção de um novo país. Pediu aos legisladores que não ouçam o canto de sereias dos que pretendem comprá-los, que não caiam nas práticas de entrega do patrimônio nacional de outros partidos. “Não podem e não devem se pendurar nos cargos públicos. Que não haja corrupção, amiguismo, sectarismo, nepotismo, nenhuma dessas manchas da política. Não é mais

do mesmo”, ressaltou.

Reiterou que na metade do mandato presidencial - em 3 anos - o país deixará de comprar gasolina no estrangeiro. AMLO, como Obrador também é chamado, afirmou que modernizará as seis refinarias do país para que operem a plena capacidade em dois anos. Também planeja construir uma nova refinaria em Dos Bocas, no sul do Estado de Tabasco, com investimento de 8,6 bilhões de dólares ao longo de três anos. Atualmente as unidades funcionam com 40% a menos de sua capacidade, produzindo apenas 1,9 milhões de barris/dia de refinados.

Disse ainda que resgatará a indústria elétrica, que não haverá aumentos abusivos de combustível, nem subirão os impostos em termos reais. Entre os projetos prioritários, estão o emprego para 2,3 milhões de jovens; o plantio de um milhão de hectares de árvores frutíferas e de produção de madeira; cestas básicas a todos os que as necessitem; apoio a produtores do campo; atenção imediata aos danificados pelos sismos; a construção do Trem Maia, e o desenvolvimento do Istmo de Tehuantepec.

Maduro pensa sustar a hiperinflação cortando cinco zeros da moeda

Com uma inflação estimada em 1.000.000% para o corrente ano, o presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, anunciou, na sexta-feira (17), que será criada uma nova moeda, a ser sustentada por um “novo” plano econômico. A moeda, que hoje se chama Bolívar Forte, passará a se chamar Bolívar Soberano e terá cinco zeros a menos. O Bolívar Soberano passará a circular nesta segunda (20).

Maduro, após anos sem direcionar investimentos para industrializar a Venezuela e fazê-la menos dependente da única fonte de divisas do país, o petróleo, agora insiste que a nova moeda e algumas medidas fiscais resolverão o problema do país.

O Bolívar Soberano, além de ter cinco zeros a menos, passará a ser lastreado na criptomoea venezuelana, criada pelo próprio governo, o Petro. Porém, a criptomoea, que surgiu como uma tentativa de driblar as sanções estadunidenses, é lastreada no valor do petróleo venezuelano. Mesmo sem ter sofrido grandes variações nos últimos tempos, o barril de petróleo venezuelano ainda se encontra sujeito a valorizações e desvalorizações futuras o que leva a uma aquisição muito reduzida dessas

“moedas”.

Além disso, anuncia Maduro que o salário mínimo será “valorizado” em setembro. Atualmente, ele é o equivalente a 50 bolívares soberanos, mas passará a ser de 1.800 bolívares soberanos, 34 vezes mais ou cerca de 45 dólares. Isso, se a inflação que o governo não consegue estancar arrefeça agora, o que se mostra muito pouco provável.

O plano de Maduro também prevê uma maior taxa de grandes empresas e um aumento nos impostos de valor agregado, outra medida, sem que haja investimentos na produção de efeito recessivo e, portanto, de difícil contribuição para tirar o país da crise.

Segundo Maduro, as medidas ajudarão a combater a “dolarização” dos preços venezuelanos. As alterações poêm “como centro o trabalho, baseado na produção de bens e na remuneração do salário”, disse o presidente, sem ir muito além destes vagos pressupostos.

Enquanto isso, as letras de migrantes deixam o país flagelado pela recessão, hiperinflação e escassez de produtos básicos (a esse respeito leia matéria na página 4 desta edição).



“O míssil é dos EUA, o aliado é dos EUA e o crime é dos EUA” afirma o ator Ator Jim Carrey denuncia carnificina de crianças no lêmén com o míssil norte-americano MK-82

Logo após a confirmação de que o míssil com o qual a Arábia Saudita destruiu um ônibus escolar matando 40 crianças iemenitas, há pouco mais de uma semana, era de fa-

bricação norte-americana e fornecido para os criminosos aliados dos EUA no Oriente Médio, o ator Jim Carrey expressou sua revolta com um desenho que publicamos acima e decla-

rou: “Nosso aliado. Nosso míssil. Nosso crime.”

Em outro bombardeio a um funeral poucas semanas antes, os caças sauditas tiraram a vida de 140 civis.

Papa condena 'atrocidades' de padres pedófilos nos EUA

O Papa Francisco condenou na segunda-feira (20) "as atrocidades" praticadas por centenas de padres pedófilos na Pensilvânia, nos Estados Unidos, contra mais de 1.000 crianças, e a tentativa da Igreja de encobrir os hediondos crimes ao longo de mais de sete décadas.

"Nos últimos dias foi publicado um relatório que detalha a experiência de pelo menos mil pessoas que foram vítimas de abusos sexuais, de abusos de poder e de consciência, cometidos por padres durante quase 70 anos. Embora possamos dizer que a maioria dos casos pertence ao passado, podemos constatar que as feridas infligidas não desaparecerão nunca, o que nos obriga a condenar com força estas atrocidades", esclareceu o pontífice, em carta dirigida ao "Povo de Deus".

A manifestação do Papa foi uma resposta ao relatório divulgado recentemente pela Suprema Corte da Pensilvânia, que listou mais de 300 padres pedófilos e apontou o esforço "sistemático" da Igreja para encobrir seus crimes. O Vaticano já havia expressado "vergonha e dor" pelas vítimas e o Papa tornou mais forte e veemente a condenação.

"Levando em consideração o passado, o que se pode fazer para pedir perdão e reparar o dano causado nunca será suficiente. Levando em consideração o futuro, não se deve descuidar de nada para promover uma cultura que não apenas garanta que tais situações não se reproduzam, mas para que não encontrem o terreno propício para ocultar-se e perpetuar-se", acrescentou o pontífice.

O líder religioso também exortou aos católicos para que se mobilizem e atuem para "denunciar tudo aquilo que coloca em perigo a integridade de qualquer pessoa".

A mais abrangente investigação sobre abuso sexual da Igreja Católica nos EUA, a atrocidade da Pensilvânia cobriu, durante 18 meses, as oito dioceses do estado e segue outros relatórios que comprovaram abusos em duas outras dioceses (Filadélfia e Altoona-Johnstown).

A repercussão do relatório ganha ainda mais força, pois ocorre em um momento em que os escândalos se multiplicam, comprometendo a imagem da Igreja mundo afora. Um bispo foi declarado culpado por ter encoberto um caso de abuso sexual na Austrália, enquanto no Chile, o próprio Papa teve de admitir que a instituição foi negligente e encobriu crimes de religiosos. Diante da gravidade do escândalo, 34 bispos chilenos colocaram os cargos à disposição.

Sul-coreanos se reúnem com parentes no Norte

Famílias coreanas separadas pela Guerra da Coreia (1950-1953) voltaram a se reunir nesta segunda-feira (20).

Num hotel no lado norte da fronteira entre a República Popular Democrática da Coreia - RPDC no monte Kunmgang e a Coreia do Sul, 177 famílias ficaram juntas e tiveram 11 horas para pôr em dia as conversas interrompidas há 65 anos.

"É minha última oportunidade para ver alguns dos meus familiares queridos", declarou à imprensa Lee Kwon Joo, sul-coreano de 93 anos nascido em Pyongyang mas que depois da guerra ficou em Seul, ao abraçar seu sobrinho norte-coreano. Ele esperava com ansiedade por este encontro familiar. "Temos que nos conhecer pois estou muito velho e daqui a pouco estarei morto. Mas somos uma família e temos que continuar sendo uma família.

Feliz e emocionada, a sul-coreana Lee Keum Seon de 92 anos abraçou seu sobrinho norte-coreano Ri Sang Chol de 71 anos.

O último encontro de familiares do Norte e do Sul aconteceu em 2015 quando apenas algumas famílias foram contempladas. Muitas ficaram na fila das próximas visitas que não aconteceram em função do aumento das tensões entre Norte e Sul na Península Coreana motivadas pela hostilidade dos EUA contra a RPDC. Só agora foram retomadas as visitas e encontros de famílias como parte dos acordos dos diálogos de cúpulas entre os presidentes da RPDC, Kim

Jong Un e da Coreia do Sul, Moon Jae-in.

Para muitas dessas famílias separadas desde a divisão do país a partir de 1953 quando foi firmado o acordo de armistício que não concluiu a guerra mas estabeleceu uma trégua mantendo-se o estado de guerra, essa talvez seja a última possibilidade de voltarem a ver-se. Segundo fontes sul-coreanas as listas dos que queriam participar dessas visitas incluíam 132.124 nomes dos quais apenas 20 mil conseguiram ver seus familiares desde que começou a realização de tais encontros. Mas as pessoas são velhas e vão morrendo. Dos mais de 132 mil relacionados na lista, apenas 56.990 ainda vivem e desses, 86% tem mais de 70 anos. O que indica que nesse ritmo a maioria das famílias separadas não se reencontrarão pelo menos uma vez após 65 anos de guerra.

Não por acaso tais encontros se revestem de grande emoção e constituem-se em imensa alegria para os que conseguem se reunir e ver seus familiares. Nem todos tiveram essa oportunidade e os que ainda vivem nem todos a terão, o que mostra a insanidade dessa situação de divisão da nação coreana.

O próximo encontro está previsto para acontecer no mesmo lugar entre quinta e domingo, de 30 de agosto a 2 de setembro, precedendo a próxima reunião de cúpula entre os presidentes Kim Jong Un e Moon Jae-in em data a ser confirmada em setembro.

ROSANITA CAMPOS

72 mil pessoas morreram por overdose nos EUA em 2017



Num parque ao lado da Universidade de Yale: quase 100 casos em 36 horas

Donald Trump disputa com 'New York Times' o monopólio das fake news

Após algumas semanas em que ex-figurões da CIA e ghost writers de editoriais vêm chamando abertamente o presidente Donald Trump de "traidor" pelas páginas dos principais jornais dos EUA - um nível de confronto no establishment sem precedentes em um século ou mais -, 300 barões da mídia dos EUA, encabeçados pelo New York Times [formalmente pelo Boston Globe] resolveram posar de vítimas do destemperado imperador das tuitadas. A quem acusam de fazer deles, a "imprensa", o "inimigo do povo", enquanto Trump diz que a vítima é ele, e que há um "complot" dos "jornais de oposição e suas fake news".

Nem nos piores dias de Trick Dick Nixon, ou de Cavalo-não-desce-escada W. Bush, a mídia pegou tão pesado. Está uma guerra para decidir quem é quem manda na 'TrueLieslândia'. Na cara dura, ex-diretores da CIA e o entorno de Hillary decidiram que a eleição não acabou, fabricaram a acusação de "ingerência russa", e estão tentando fazer crer que há - ou potencialmente poderia vir a haver - um russo embaixo de cada cama e sofá em Washington, todos sócios de Putin, e que os russos é que controlam as redes sociais.

A mesma lenda assevera, com ajuda daquele dossiê que Hillary pagou, que Putin controla Trump porque filmou uma orgia dele em um hotel de Moscou. Logo após a cúpula de Trump com Putin, ex-chefes da CIA passaram, com anuência da mídia, a caracterizá-lo como "traidor" e não mais mero brinquedo.

Em um funeral de Estado que foi boicotado pela metade das famílias dos mortos que já haviam sido identificados, a Itália se despediu no sábado, 18, das vítimas da tragédia causada pelo desabamento da ponte Morandi, em Gênova. Os parentes acusam Atlantia, o cartel que tem a concessão do viaduto, de ser responsável pelo desastre acontecido na terça-feira, 14.

O número de vítimas subiu para 43, depois que os bombeiros encontraram entre os blocos de cimento um veículo com três pessoas - um casal e a filha de nove anos. Já durante a tarde de sábado, um dos feridos acabou por não resistir aos ferimentos e o corpo da última vítima dada como desaparecida foi encontrado. Milhares de pessoas se congregaram no Centro de Exposições e Feiras de Gênova para presenciar a missa, oficiada pelo arcebispo Angelo Bagnasco. Em alguns dos caixões as bandeiras dos países de origem das vítimas foram depositadas - além dos italianos, foram enterrados

Com toda a performance de Trump - o muro, o seqüestro de filhos migrantes, a mudança de embaixada para Jerusalém, o rompimento de acordos, a instauração quase diária de novas sanções unilaterais, os mimos para as corporações e o Pentágono, a xenofobia, a grossura, as trocas de insultos -, não é propriamente difícil antipatizar com o bilionário presidente.

Mas não resolve nada se inebriar pelas loas à liberdade dos principais instrumentos do macartismo 2.0 que está em plena vigência nos EUA há mais de um ano, desde que Hillary Vigarista, a preferida de Wall Street, perdeu para o campeão dos brancos pobres, Trump Tarado, depois de roubar nas primárias democratas de Bernie Sanders.

É quase cômico todo esse cínico "debate" sobre as Fake News e quem é que está propagando as fake news. O que são a meia dúzia de asneiras postadas em algum blog, comparado com as fake news de alto coturno, como aquelas manchetes do New York Times, sustentadas por uma senhora da CIA trabalhando de dentro da redação, que forneceu o cenário das "armas de destruição em massa [wmd] de Sadam" para a invasão de W. Bush ao Iraque, a pilhagem do petróleo, Abu Graib?

Ou as fake news sobre a Líbia, que possibilitaram que o charmoso Obama (Nobel preventivo da Paz) e sua secretária de Estado Hillary, mais os ínclitos

Sarkozy e Cameron, arrasassem o país, assassinassem o líder Kadhafi. Ou a guerra contra a Síria, de que a destruição da Líbia foi o prelúdio, ao liberar arsenais de graça para fornecimento aos terroristas, origem do controvertido episódio da morte do embaixador em Benghazi (no jargão do Pentágono, um lamentável dano colateral).

Naturalmente, não é sobre as fake news das "armas de destruição em massa de Sadam" que o establishment em Washington quer debater - e menos ainda de que o Russiagate é o "wmd" dos tempos atuais, mas histórias sem pé nem cabeça ou meros xingamentos. A pretexto das fake news, andam aceleradamente trabalhando para censurar a internet, e não faz parte de sua defesa da "liberdade de imprensa" a proteção a Assange ou ao WikiLeaks. Já as fake news de Trump, por mais que este se esforce, só fazem sucesso mesmo nos círculos mais racistas da sua torcida, como a dos "estupradores chicanos".

Ficou de fora da "frente ampla pelo jornalismo" o Washington Post, um dos carros-chefes do macartismo 2.0. Mesma opção do Los Angeles Times. Miami Herald e Chicago Tribune se somaram ao NYT. Mas não o Wall Street Journal, de Murdoch, por não ter as mesmas, digamos, idéias, sobre os palpantes arranca-rabos que incendeiam o núcleo do império em crise, relacionados a como continuar espoliando o planeta impunemente. Aliás, se "o presidente é traidor", pode tudo? A.P.

Itália se despede das vítimas da tragédia de Gênova

Maurizio Rossi havia alertado o governo: "Recentemente, a ponte foi objeto de um colapso preocupante das juntas, que exigiram um extraordinário trabalho de manutenção sem o qual o risco de desabamento é concreto".

Herdeira do grupo público Autostrade SpA, privatizado em 1999, a Atlantia, reconhecendo a sua responsabilidade, disse que há 500 milhões de euros disponíveis a partir da segunda-feira, 20, para "ajudar as vítimas e a cidade". Mas, sem ter como aliviar os autores do desastre que mostra ao mundo inteiro que a privatização de setores-chaves para o país se reverte contra a população, o Ministério de Transportes italiano informou que está em marcha o procedimento para revogar a concessão à Autostrade.

Para o ministro do Interior, Matteo Salvini, "uma empresa como a que dirige esta parte da rodovia, que gera bilhões de lucros, deve explicar aos italianos porque não fez todo o possível para reinvestir uma parte deste lucro em segurança".

Uma morte por overdose a cada 8 minutos no país mais rico do mundo. São cenas dramáticas vistas diariamente em meio à desesperança e à desagregação impulsionadas por opióides sintéticos

Ao invés de retroceder, a pavorosa epidemia de mortes por overdose nos EUA se agravou no ano passado, aumentando-as de 64.070 para 72.287, segundo dados preliminares do Centro de Controle de Doenças (CDC). Uma morte a cada oito minutos no país mais rico do mundo, em meio à desesperança, miséria e desagregação, impulsionada por opióides sintéticos, inclusive vendidos em farmácias, heroína e outras drogas, e com o horror não mais restrito a guetos de negros e latinos, mas ferindo fundo aos brancos pobres e aos deserdados por Wall Street.

Das 72 mil mortes por overdose, 49 mil se devem aos opióides, sendo que só o fenil (50 vezes mais potente que a heroína) é responsável por 29 mil mortes (9 mil a mais em um ano), de acordo com o CDC. Nem mesmo a epidemia de Aids matou tantas pessoas nos EUA em um único ano.

São cenas dramáticas que são vistas diariamente no país inteiro. No dia em que os novos números do CDC foram divulgados, em um parque situado ao lado da Universidade de Yale, em New Haven, em Connecticut, quase 100 casos de overdose ocorreram em 36 horas, com ambulâncias trabalhando sem parar para socorrer vítimas de uma nova droga sintética, cem vezes mais poderosa que a maconha. Felizmente, ninguém morreu graças à aplicação do antidoto Narcan. Só um condado do Ohio, de 376 mil habitantes, registrou 210 mortes por overdose em 2016, quase a metade do registrado na Espanha, que tem população 120 vezes maior.

Com o combate à epidemia de overdoses por opióides sob Trump tendo sido até aqui pouco mais que uma inócua "declaração de emergência", a que foi acolpida modesta verba de US\$ 1,1 bilhão, no país em que o orçamento do Pentágono vai a US\$ 700 bilhões, não é de estranhar que tais mortes estejam em alta em 38 dos 50 estados. Voltaram a subir as mortes por cocaína. Repetindo anos anteriores, as maiores taxas de mortalidade por overdose ocorreram na Virgínia Ocidental (58,7 mortes por 100.000 habitantes), Washington, capital do país (50,4), Pensilvânia (44,2), Ohio (44,0) e Maryland (37,9).

O fato de que sejam agora as comunidades de brancos pobres afetadas pelo fechamento das fábricas - e deslocamento para o exterior - os focos dessa epidemia possibilita apontar o que está gerando tamanha devastação. Pelo terceiro ano consecutivo, se repetiu a terrível estatística de que as mortes por overdose em um só ano superam o total de americanos mortos em uma década de guerra no Vietnã

e de que as overdoses se tornaram a principal causa de morte entre os norte-americanos com menos de 50 anos, mais do que o câncer, armas de fogo e acidentes de carro.

Dito de outra forma, a atual epidemia de mortes por overdose é outro sintoma do tipo de "recuperação" pós-crash de 2008 e da globalização que o precedeu. Sem empregos, ou com empregos para lá de precários, sem saúde pública, os brancos pobres se viraram, nas áreas desindustrializadas, disfarçando as dores com analgésicos cada vez mais potentes, enquanto os potentados se empanturravam nas apostas na bolsa de valores, sustentadas pelo bailout e o dinheiro fácil do quantitative easing. Ganância, concentração de riqueza e ostentação numa ponta, e miséria, sofrimento e colapso na outra, nas cidades esvaziadas, depauperadas, com a desigualdade social alcançando proporções intoleráveis. Foi assim que a epidemia de overdoses atingiu seu atual estágio.

CAMPANHAS

As corporações farmacêuticas rapidamente souberam como lucrar sem parar com esse sofrimento, o que foi facilitado pela obscena monopolização e privatização da saúde nos EUA. Montaram campanhas milionárias e agressivas para convencer as pessoas a se entupirem de opióides sintéticos, com a cumplicidade de médicos e dos "moinhos de pílulas" (clínicas para panfletagem de receitas). Porque escolheram os opióides e não outro veneno qualquer, talvez possa ser explicado pela longa ocupação do Afeganistão pelas tropas dos EUA, que fez do país invadido recordista mundial do antecessor da heroína, o ópio.

A indústria da "heroína sintética" se tornou um negócio de US\$ 10 bilhões anuais. Foi assim que, com 5% da população mundial, os EUA consomem 80% dos remédios opióides produzidos no planeta. Sob o governo Obama, o número de ações da DEA contra as distribuidoras de pílulas de opióides sintéticos caiu 69,5%.

No ano passado, aumentou a pressão contra os moinhos de pílulas, cujo resultado ficou patente nos números melhores de Vermont e Massachusetts. Agora Trump diz que mandou o Departamento de Justiça agir contra os fabricantes de opióides sintéticos e estabelecer limites de produção. Em dezembro do ano passado, relatórios do CDC advertiram que, sob o impacto das mortes por overdose, mais o aumento dos suicídios (que chegaram a 45 mil), um dos parâmetros que mede a evolução de uma sociedade, a expectativa de vida, declinou nos EUA pelo segundo ano consecutivo.

ANTONIO PIMENTA

Executivos nos EUA ganharam 312 vezes mais que o trabalhador médio

A disparidade salarial entre os diretores executivos (CEOs) das grandes corporações e seus trabalhadores de base não para de crescer nos Estados Unidos, mantendo a injusta tendência de crescimento desigual dos ganhos, imposta desde os anos 90.

Conforme relatório do Instituto de Políticas Econômicas, os CEOs das 350 maiores empresas americanas embolsaram 312 (trezentas e doze!) vezes o salário recebido por um funcionário, concentração que vem sendo agravada ano após ano.

Esta também é a conclusão do resumo do relatório no The Guardian, que apurou um aumento salarial médio dos diretores executivos das grandes corporações dos EUA de 17,6% ao longo do ano passado, en-

quanto a remuneração dos funcionários comuns subiu míseros 0,3% no mesmo período. Na maior parte, os trabalhadores do patamar inferior viram seus salários empatarem, enquanto os CEOs embolsaram US\$ 18,9 milhões em média, assinala o relatório.

A evolução desta disparidade encontra sólidas raízes na irrationalidade do modelo norte-americano, que para sustentar os privilégios de uma casta cada vez menor e mais parasitária, precisa ampliar a exploração da base da pirâmide de sustentação do anacrônico regime. Assim, se em 1965 a proporção do ganho do CEO para o salário do trabalhador era de 20 para um; em 1989 esse número já havia subido de 58 para um e hoje já ultrapassa as três centenas.

Pai contra mãe



Há poucos dias, a convite de um amigo, participei de uma palestra para alguns jovens sobre Machado de Assis – especificamente, sobre “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, o romance que marca a grande virada de nosso maior escritor.

As observações dos jovens foram muito importantes para alguém – como é o meu caso – que se formou literariamente na década de 60 do século passado. O mundo era outro, é verdade – e as dificuldades da juventude eram outras.

Mas há coisas que nos marcam quando ainda somos jovens. Lembro de um amigo que dizia: “Machado jamais escreveria: *‘fulano é mulato’*. Talvez dissesse: *‘fulano não é preto nem branco’*”.

Apesar desse velho amigo ter

uma certa razão, não é verdade. Como o leitor pode ver no conto que hoje publicamos, Machado também sabia chamar os mulatos de mulatos.

“Pai contra mãe” pertence a uma das últimas coletâneas de contos de Machado, “Relíquias de Casa Velha”, de 1906, apenas dois anos antes de seu falecimento.

A versão aqui apresentada é aquela das Obras Completas, publicadas pela Nova Aguilar.

Este conto é um daqueles em que Machado abordou de modo explícito a escravidão. Alguns o consideram o seu melhor conto.

E mais não falamos, porque seria tirar o prazer do leitor – sobretudo dos leitores jovens, que ainda não o conhecem.

C.L.

MACHADO DE ASSIS

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dous pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um recorrente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: “gratificar-se-á generosamente”, -- ou “receberá uma boa gratificação”. Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoutasse.

Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser ins-

trumento da força com que se mantém a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.

Cândido Neves, - em família, Candinho, - é a pessoa a quem se liga a história de uma fuga, cedeu à pobreza, quando adquiriu o ofício de pegar escravos fugidios. Tinha um defeito grave esse homem, não aguentava emprego nem ofício, carecia de estabilidade; é o que ele chamava caiporismo. Começou por querer aprender tipografia, mas viu cedo que era preciso algum tempo para compor bem, e ainda assim talvez não ganhasse o bastante; foi o que ele disse a si mesmo. O comércio chamou-lhe a atenção, era carreira boa. Com algum esforço entrou de caixeiro para um armarinheiro. A obrigação, porém, de atender e servir a todos feria-o na corda do orgulho, e ao cabo de cinco ou seis semanas estava na rua por sua vontade. Fiel de cartório, contínuo de uma repartição anexa ao Ministério do Império, carteiro e outros empregos foram deixados pouco depois de obtidos.

Quando veio a paixão da moça Clara, não tinha ele mais que dívidas, ainda que poucas, porque morava com um primo, entalhador de ofício. Depois de várias tentativas para obter emprego, resolveu adotar o ofício do primo, de que aliás já tomara algumas lições. Não lhe custou apanhar outras, mas, querendo aprender depressa, aprendeu mal. Não fazia obras finas nem complicadas, apenas garras para sofás e relevos comuns para cadeiras. Queria ter em que trabalhar quando casasse, e o casamento não se demorou muito.

Contava trinta anos. Clara vinte e dous. Ela era órfã, morava com uma tia, Mônica, e cosia com ela. Não cosia tanto que não namorasse o seu pouco, mas os namorados apenas queriam matar o tempo; não tinham outro empenho. Passavam às tardes, olhavam muito para ela, ela para eles, até que a noite a fazia recolher para a costura. O que ela notava é que nenhum deles lhe deixava saudades nem lhe acendia desejos. Talvez nem soubesse o nome de muitos. Queria casar, naturalmente. Era, como lhe dizia a tia, um pescar de canço, a ver se o peixe pegava, mas o peixe passava de longe; algum que parasse, era só para andar à roda da isca, mirá-la, cheirá-la, deixá-la e ir a outras.

O amor traz sobrescritos. Quando a moça viu Cândido Neves, sentiu que era este o possível marido, o marido verdadeiro e único. O encontro deu-se em um baile; tal foi - para lembrar o primeiro ofício do namorado, - tal foi a página inicial daquele livro, que tinha



“Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas...”

de sair mal composto e pior brochado. O casamento fez-se onze meses depois, e foi a mais bela festa das relações dos noivos. Amigas de Clara, menos por amizade que por inveja, tentaram arredá-la do passo que ia dar. Não negavam a gentileza do noivo, nem o amor que lhe tinha, nem ainda algumas virtudes; diziam que era dado em demasia a patuscadas.

- Pois ainda bem, replicava a noiva; ao menos, não caso com defunto.

- Não, defunto não; mas é que...

Não diziam o que era. Tia Mônica, depois do casamento, na casa pobre onde eles se foram abrigar, falou-lhes uma vez nos filhos possíveis. Eles queriam um, um só, embora viesse agravar a necessidade.

- Vocês, se tiverem um filho, morrem de fome, disse a tia à sobrinha.

- Nossa Senhora nos dará de comer, acudiu Clara. Tia Mônica devia ter-lhes feito a advertência, ou ameaça, quando ele lhe foi pedir a mão da moça; mas também ela era amiga de patuscadas, e o casamento seria uma festa, como foi.

A alegria era comum aos três. O casal ria a propósito de tudo. Os mesmos nomes eram objeto de trocados, Clara, Neves, Cândido; não davam que comer, mas davam que rir, e o riso digeria-se sem esforço.

Ela cosia agora mais, ele saía a empreitadas de uma cousa e outra; não tinha emprego certo. Nem por isso abriam mão do filho. O filho é que, não sabendo daquele desejo específico, deixava-se estar escondido na eternidade. Um dia, porém, deu sinal de si a criança; varão ou fêmea, era o fruto abençoado que viria trazer ao casal a suspirada ventura. Tia Mônica ficou desorientada, Cândido e Clara riram dos seus sustos.

- Deus nos há de ajudar; titia, insistia a futura mãe.

A notícia correu de vizinha a vizinha. Não houve mais que espreitar a aurora do dia grande. A esposa trabalhava agora com mais vontade, e assim era preciso, uma vez que, além das costuras pagas, tinha de ir fazendo com retalhos o enxoval da criança. À força de pensar nela, vivia já com ela, media-lhe fraldas, cosia-lhe camisas. A porção era escassa, os intervalos longos. Tia Mônica ajudava, é certo, ainda que de má vontade.

- Vocês verão a triste vida, suspirava ela.

- Mas as outras crianças não nascem também? perguntou Clara.

- Nascem, e acham sempre alguma cousa certa que comer, ainda que pouco...

- Certa como?

- Certa, um emprego, um ofício, uma ocupação, mas em que é que o pai dessa infeliz criatura que aí vem gasta o tempo?

Cândido Neves, logo que soube daquela advertência, foi ter com a tia, não áspero mas muito menos manso que de costume, e lhe perguntou se já algum dia deixara de comer.

- A senhora ainda não jejuou senão pela semana santa, e isso mesmo quando não quer jantar comigo. Nunca deixamos de ter

o nosso bacalhau...

- Bem sei, mas somos três.

- Seremos quatro.

- Não é a mesma cousa.

- Que quer então que eu faça, além do que faço?

- Alguma cousa mais certa. Veja o marceneiro da esquina, o homem do armarinheiro, o tipógrafo que casou sábado, todos têm um emprego certo... Não fique zangado; não digo que você seja vadio, mas a ocupação que escolheu é vaga. Você passa semanas sem vintém.

- Sim, mas lá vem uma noite que compensa tudo, até de sobra. Deus não me abandona, e preto fugido sabe que comigo não brinca; quase nenhum resiste, muitos entregam-se logo.

Tinha glória nisto, falava da esperança como de capital seguro. Daí a pouco ria, e fazia rir à tia, que era naturalmente alegre, e previa uma patuscada no batizado.

Cândido Neves perdera já o ofício de entalhador, como abria mão de outros muitos, melhores ou piores. Pegar escravos fugidos trouxe-lhe um encanto novo. Não obrigava a estar longas horas sentado. Só exigia força, olho vivo, paciência, coragem e um pedaço de corda. Cândido Neves lia os anúncios, copiava-os, metia-os no bolso e saía às pesquisas. Tinha boa memória. Fixados os sinais e os costumes de um escravo fugido, gastava pouco tempo em achá-lo, segurá-lo, amarrá-lo e levá-lo. A força era muita, a agilidade também. Mais de uma vez, a uma esquina, conversando de cousas remotas, via passar um escravo como os outros, e descobria logo que ia fugido, quem era, o nome, o dono, a casa deste e a gratificação; interrompia a conversa e ia atrás do vicioso. Não o apanhava logo, espreitava lugar azado, e de um salto tinha a gratificação nas mãos. Nem sempre saía sem sangue, as unhas e os dentes do outro trabalhavam, mas geralmente ele os vencia sem o menor arranhão.

Um dia os lucros entraram a escassear. Os escravos fugidos não vinham já, como dantes, meter-se nas mãos de Cândido Neves. Havia mãos novas e hábeis. Como o negócio crescesse, mais de um desempregado pegou em si e numa corda, foi aos jornais, copiou anúncios e deitou-se à caçada. No próprio bairro havia mais de um competidor. Quer dizer que as dívidas de Cândido Neves começaram de subir, sem aqueles pagamentos prontos ou quase prontos dos primeiros tempos. A vida fez-se difícil e dura. Comia-se fiado e mal; comia-se tarde. O senhorio mandava pelo alugueis.

Clara não tinha sequer tempo de remendar a roupa ao marido, tanta era a necessidade de coser para fora. Tia Mônica ajudava a sobrinha, naturalmente. Quando ele chegava à tarde, via-se-lhe pela cara que não trazia vintém. Jantava e saía outra vez, à cata de algum fugido. Já lhe sucedia, ainda que raro, enganar-se de pessoa, e pegar em escravo fiel que ia a serviço de seu senhor; tal era a cegueira da necessidade. Certa vez capturou um preto livre;

mas recebeu grande soma de murros que lhe deram os parentes do homem.

- É o que lhe faltava! exclamou a tia Mônica, ao vê-lo entrar, e depois de ouvir narrar o equívoco e suas consequências. Deixe-se disso, Candinho; procure outra vida, outro emprego.

Cândido quisera efetivamente fazer outra cousa, não pela razão do conselho, mas por simples gosto de trocar de ofício; seria um modo de mudar de pele ou de pessoa. O pior é que não achava à mão negócio que aprendesse depressa.

A natureza ia andando, o feto crescia, até fazer-se pesado à mãe, antes de nascer. Chegou o oitavo mês, mês de angústias e necessidades, menos ainda que o nono, cuja narração dispense também. Melhor é dizer somente os seus efeitos. Não podiam ser mais amargos.

- Não, tia Mônica! bradou Candinho, recusando um conselho que me custa escrever, quanto mais ao pai ouvi-lo. Isso nunca!

Foi na última semana do derradeiro mês que a tia Mônica deu ao casal o conselho de levar a criança que nascesse à Roda dos enjeitados. Em verdade, não podia haver palavra mais dura de tolerar a dous jovens pais que espreitavam a criança, para beijá-la, guardá-la, vê-la rir, crescer, engordar, pular... Enjeitar quê? enjeitar como? Candinho arregalou os olhos para a tia, e acabou dando um murro na mesa de jantar. A mesa, que era velha e desconjuntada, esteve quase a se desfazer inteiramente. Clara interveio.

- Titia não fala por mal, Candinho.

- Por mal? replicou tia Mônica. Por mal ou por bem, seja o que for, digo que é o melhor que vocês podem fazer. Vocês devem tudo; a carne e o feijão vão faltando. Se não aparecer algum dinheiro, como é que a família há de aumentar? E depois, há tempo; mais tarde, quando o senhor tiver a vida mais segura, os filhos que vierem serão recebidos com o mesmo cuidado que este ou maior. Este será bem criado, sem lhe faltar nada. Pois então a Roda é alguma praia ou monturo? Lá não se mata ninguém, ninguém morre à toa, enquanto que aqui é certo morrer, se viver à mingua. Enfim...

Tia Mônica terminou a frase com um gesto de ombros, deu as costas e foi meter-se na alcova. Tinha já insinuado aquela solução, mas era a primeira vez que o fazia com tal franqueza e calor; -- crueldade, se preferes. Clara estendeu a mão ao marido, como a amparar-lhe o ânimo; Cândido Neves fez uma careta, e chamou maluca à tia, em voz baixa. A ternura dos dous foi interrompida por alguém que batia à porta da rua.

- Quem é? perguntou o marido.

- Sou eu.

Era o dono da casa, credor de três meses de aluguel, que vinha em pessoa ameaçar o inquilino. Este quis que ele entrasse.

- Não é preciso...

- Faça favor.

O credor entrou e recusou sentar-se, deitou os olhos à mobília para ver se daria algo à penhora; achou que pouco. Vinha receber os alugueis vencidos, não podia esperar mais; se dentro de cinco dias não fosse pago, pô-lo-ia na rua. Não havia trabalhado para regalo dos outros. Ao vê-lo, ninguém diria que era proprietário; mas a palavra supria o que faltava ao gesto, e o pobre Cândido Neves preferiu calar a retorquir. Fez uma inclinação de promessa e súplica ao mesmo tempo. O dono da casa não cedeu mais.

- Cinco dias ou rua! repetiu, metendo a mão no ferrolho da porta e saindo.

Candinho saiu por outro lado. Nesses lances não chegava nunca ao desespero, contava

com algum empréstimo, não sabia como nem onde, mas contava. Demais, recorreu aos anúncios. Achou vários, alguns já velhos, mas em vão os buscava desde muito. Gastou algumas horas sem proveito, e tornou para casa. Ao fim de quatro dias, não achou recursos; lançou mão de empenhos, foi a pessoas amigas do proprietário, não alcançando mais que a ordem de mudança.

A situação era aguda. Não achavam casa, nem contavam com pessoa que lhes emprestasse alguma; era ir para a rua. Não contavam com a tia. Tia Mônica teve arte de alcançar aposento para os três em casa de uma senhora velha e rica, que lhe prometeu emprestar os quartos baixos da casa, ao fundo da cocheira, para os lados de um pátio. Teve ainda a arte maior de não dizer nada aos dous, para que Cândido Neves, no desespero da crise começasse por enjeitar o filho e acabasse alcançando algum meio seguro e regular de obter dinheiro; emendar a vida, em suma. Ouvia as queixas de Clara, sem as repetir; é certo, mas sem as consolar. No dia em que fossem obrigados a deixar a casa, fê-los-ia espantar com a notícia do obséquio e iriam dormir melhor do que cuidassem.

Assim sucedeu. Postos fora da casa, passaram ao aposento de favor, e dous dias depois nasceu a criança. A alegria do pai foi enorme, e a tristeza também. Tia Mônica insistiu em dar a criança à Roda. “Se você não a quer levar, deixe isso comigo; eu vou à Rua dos Barbonos.” Cândido Neves pediu que não, que esperasse, que ele mesmo a levaria. Notai que era um menino, e que ambos os pais desejavam justamente este sexo. Mal lhe deram algum leite; mas, como chovesse à noite, assentou o pai levá-lo à Roda na noite seguinte.

Naquela reviu todas as suas notas de escravos fugidos. As gratificações pela maior parte eram promessas; algumas traziam a soma escrita e escassa. Uma, porém, subia a cem mil-réis. Tratava-se de uma mulata; vinham indicações de gesto e de vestido. Cândido Neves andara a pesquisá-la sem melhor fortuna, e abriu mão do negócio; imaginou que algum amante da escrava a houvesse recolhido. Agora, porém, a vista nova da quantia e a necessidade dela animaram Cândido Neves a fazer um grande esforço derradeiro. Saiu de manhã a ver e indagar pela Rua e Largo da Carioca, Rua do Parto e da Ajuda, onde ela parecia andar, segundo o anúncio. Não a achou; apenas um farmacêutico da Rua da Ajuda se lembrava de ter vendido uma onça de qualquer droga, três dias antes, à pessoa que tinha os sinais indicados. Cândido Neves parecia falar como dono da escrava, e agradeceu cortesmente a notícia. Não foi mais feliz com outros fugidos de gratificação incerta ou barata.

Voltou para a triste casa que lhe haviam emprestado. Tia Mônica arranjara de si mesma a dieta para a recente mãe, e tinha já o menino para ser levado à Roda. O pai, não obstante o acordo feito, mal pôde esconder a dor do espetáculo. Não quis comer o que tia Mônica lhe guardara; não tinha fome, disse, e era verdade. Cogitou mil modos de ficar com o filho; nenhum prestava. Não podia esquecer o próprio albergue em que vivia. Consultou a mulher, que se mostrou resignada. Tia Mônica pintara-lhe a criação do menino; seria maior a miséria, podendo suceder que o filho achasse a morte sem recurso. Cândido Neves foi obrigado a cumprir a promessa; pediu à mulher que desse ao filho o resto do leite que ele beberia da mãe. Assim se fez; o pequeno adormeceu, o pai pegou dele, e saiu na direção da Rua dos Barbonos.

Continua na página 5